

Industrialização do Espírito Santo começou em Cachoeiro de Itapemirim

O OBJETIVO ERA FAZER COM QUE O CAPITAL OBTIDO COM O CAFÉ FOSSE INVESTIDO AQUI MESMO NO ESPÍRITO SANTO

O berço da industrialização capixaba foi o Sul do Estado, mais precisamente em Cachoeiro de Itapemirim. O governo estadual pretendia que o capital comercial acumulado com a produção do café servisse de fonte de investimentos para o setor. Assim, surgiram a Usina Paineiras, a Tecisa - Indústria de Tecidos de Cachoeiro, a Indústria de Cimento Itabira, entre outras.

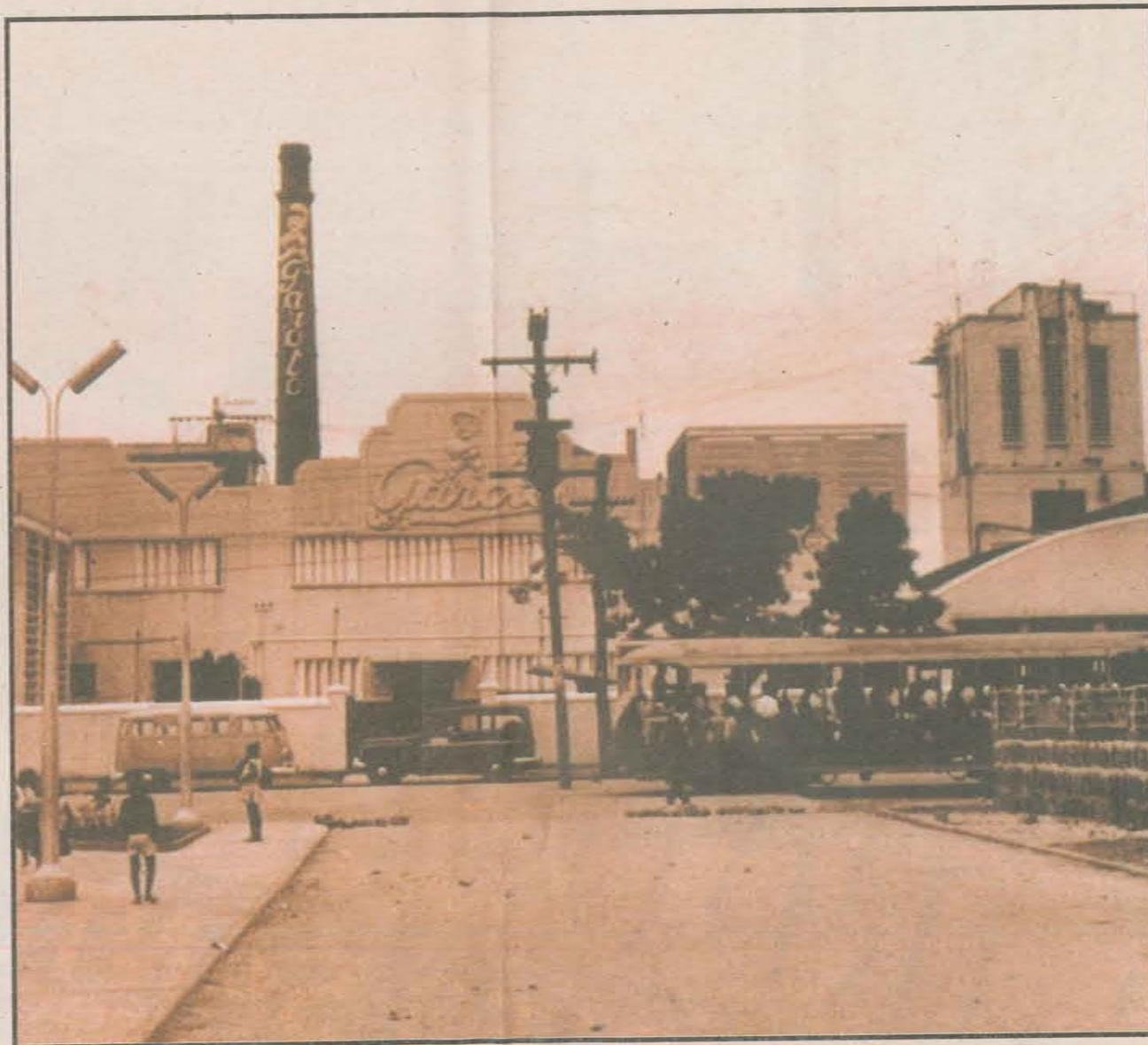
Um segundo projeto de desenvolvimento para o Espírito Santo, que contemplou a industrialização como saída estratégica, foi desenvolvido pelo governador Jones dos Santos Neves - primeiro como interventor e depois como governador eleito, no início da década de 50. O projeto foi efetivamente implementado no governo Cristiano Dias Lopes, na década de 60, com o início da instalação de grandes plantas industriais.

O INÍCIO DE TUDO

A história credits ao governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912) o primeiro marco importante no processo de industrialização capixaba. Preocupado em abrir novas fontes de renda alternativas à monocultura cafeeira, Jerônimo Monteiro incentivou a criação de indústrias, concedendo isenção de impostos e doando terrenos. Para ele, havia um movimento geral de progresso no País, do qual o Espírito Santo não participava.

Por iniciativa do Estado, o Vale do Itapemirim foi transformado em pólo de desenvolvimento econômico. Como forma de aproveitar matérias primas extraídas ou produzidas na região, diversas empresas foram montadas em Cachoeiro, entre elas fábricas de tecido, cimento, papel, óleos vegetais e uma serraria industrial. No baixo Itapemirim, o governo promoveu a construção de uma usina hidrelétrica, a fim de gerar energia para todo o distrito industrial.

RECURSOS ERAM ADMINISTRADOS PELO GOVERNO



Divulgação

A indústria Garoto ganhou esse nome devido ao fato de seus produtos serem vendidos por garotos nos pontos de bondes, que eram o principal meio de transporte de passageiros naquela época

Usina Paineiras

A Usina Paineiras, fundada em 1912, foi construída pelo Governo do Estado do Espírito Santo, dando início à formação do primeiro parque industrial significativo do Estado. Em 1937, apesar de arruinada e falida, a usina foi comprada por Ataliba de Carvalho Britto, que processou, naquele ano, 37.762 toneladas de cana, produzindo 43.977 sacos de açúcar e 213.000 litros de álcool.

Mineiro, formado em agronomia, Ataliba de Carvalho Britto dedicou sua vida à tarefa de levantar e transformar a Usina Paineiras no que ela é hoje. Para tanto, contou com ajuda da mulher, Heloisa Sousa de Carvalho Britto, reconhecida na região por sua coragem e fortaleza e pela atuação na história da empresa. Em 1967, a Usina Paineiras fundou a coligada Agropecuária Carvalho Britto S.A., especializada no cultivo de cana-de-açúcar e na produção pecuária.

Localizada em Paineiras, município de Itapemirim, a usina possui uma área de

Garoto está entre as primeiras

Por uma holding estatal, denominada Companhia Industrial do Espírito Santo, o Governo administrava os recursos para os investimentos designados ao setor que, à época, excediam sua capacidade financeira, o que promoveu o aparecimento de dívidas. É dessa data também o início do movimento operário capixaba. Em 1908 foi registrada a primeira greve operária em Cachoeiro de Itapemirim, onde 800 frabalhadores exigiam o pagamento dos salários. O Governo pôs fim à manifestação, com a ajuda do Batalhão de Infantaria do Rio de Janeiro.

O pólo criado por Jerônimo de Souza Monteiro é o primeiro Distrito Industrial de que se tem notícia no Espírito Santo e também no País, segundo revelam pesquisas históricas. Para colocá-lo em atividade, o governo firmou inúmeros contratos com empresários particulares, visando à instalação de fábricas, algumas localizadas no entorno da cidade e outras mais ao centro, onde se instalaram as fábricas de papel e de cimento.

Foram pioneiras também no parque industrial capixaba a Companhia Ferro e Aço de Vitória, que pertence hoje à Belgo Arcelor. Apesar do nome funciona no bairro Jardim América, em Cariacica. A Fábrica União de Tecidos, instalada em Jucutuquara, a Fábrica de Pregos Buaiç e muitas outras nas regiões Norte e Sul do Estado, como as moveleiras de Linhares e algumas de confecções de Colatina.

Em 16 de agosto de 1929, o imigrante alemão Henrique Meyerfreund fundou a fábrica de balas H. Meyerfreund & Cia., num galpão localizado na Prainha de Vila Velha. As primeiras balas eram vendidas em tabuleiros, por garotos, nos pontos do bonde da cidade, fato que dá origem à marca "Garoto". Mais tarde, iniciaram a distribuição das balas para casas comerciais, tanto da capital quanto do interior do Estado.

Em 1934, Henrique Meyerfreund comprou as máquinas para a produção de chocolates. Dois anos depois, um financiamento permitiu a montagem de uma fábrica mais moderna no bairro da Glória, local onde até hoje está instalado seu parque industrial.

CRESCIMENTO LEVA EMPRESA A BUSCAR NOVOS MERCADOS

Com nova infra-estrutura e produtos à base de chocolate, a Garoto experimentou uma fase de desenvolvimento, vendendo para além dos limites do Espírito Santo. Cinco anos depois, os negócios receberam novo impulso, com a entrada de Günther

Zennig como sócio de Henrique.

A história da Garoto revela que o ciclo de prosperidade só foi interrompido na época da Segunda Guerra Mundial, entre 39 e 45. Por ser alemão, Henrique foi detido no presídio do quartel do Exército, em Maruípe, e a fábrica passou a ser gerida por interventores federais. Terminado o conflito, a empresa voltava a seguir um ritmo de intenso crescimento.

TRAGÉDIA

Em 1962, a H. Meyerfreund sofreu a perda de Zennig, falecido em um acidente aéreo ao retornar de uma viagem de negócios. No mesmo ano, a H. Meyerfreund transformou-se em uma sociedade anônima de capital fechado, passando a denominar-se Chocolates Garoto S.A..

Entre os anos de 1970 e 1980, a Garoto ampliou e modernizou suas instalações industriais e seus processos produtivos, marcando presença em todo o mercado nacional e internacional. Em 1972, exportou, pela primeira vez, manteiga e torta de cacau para países da América do Sul e Estados Unidos.

A partir de 1978, também passou a exportar produtos acabados.

EXPANSÃO

Essas iniciativas deram sustentação a um crescimento ainda mais acentuado, na passagem para os anos de 1990. Investindo continuamente em tecnologia, nesse período foram lançados novos produtos, e consolidada a estrutura comercial.

Em 1989, foi inaugurado um moderno Centro de Distribuição em São Paulo, para atender aos estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. No mesmo ano, entrou em operação uma nova fábrica de pastilhas - a Fábrica II e, em 1997, foi concluída a montagem do mais moderno armazém vertical do País, junto à Fábrica II - o Centro de Distribuição do Espírito Santo.

No final da década, quando a Garoto completava 70 anos de fundação, foi feita uma reformulação nos quadros da fábrica, abrindo espaço para a terceira geração de administradores. Em 2002 a empresa capixaba foi vendida para a multinacional suíça Nestlé.

usina possui uma área de 15.000 hectares de terra, sendo que o cultivo de cana-de-açúcar ocupa, aproximadamente, 6.000 hectares para cana, segundo informa Antônio Carlos de Freitas, superintendente financeiro da indústria.

O restante, segundo Freitas, é ocupado por pastagens e áreas de preservação ambiental. Atualmente, a Usina Paineiras tem capacidade para processar 1.200.000 toneladas de cana-de-açúcar por ano, resultando numa produção de 60.000 toneladas de açúcar e 57.000 metros cúbicos de álcool anidro ou hidratado. Dessa produção, 25% são destinados à exportação e o restante, 75%, ao consumo no Espírito Santo.

Além da produção de cana-de-açúcar, açúcar e álcool, o Grupo Paineiras destaca-se na criação de gado de corte, utilizando modernas técnicas de inseminação artificial, pela empresa coligada Agropecuária Carvalho Britto S.A..

Desempenho da Economia Capixaba nos Últimos Trinta Anos

ANos últimos 30 anos a economia capixaba apresentou um desempenho invejável, comparado com a economia nacional. De 1970 a 2002 a taxa real média de variação anual foi de 6,17%, contra 4,07% da economia brasileira. Mas foi na década de 70, que o Espírito Santo apresentou um maior diferencial de taxa de crescimento do PIB, em relação ao desempenho em nível nacional.

ÍNDICE ACIMA DO NACIONAL

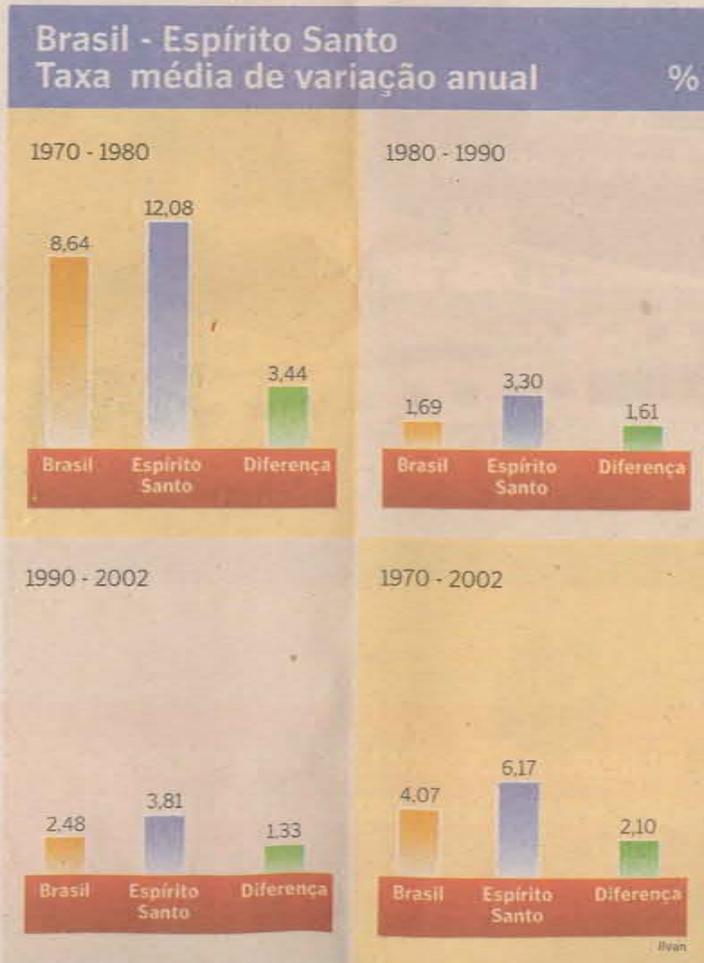
Nessa década, enquanto o Espírito Santo cresceu a uma taxa média anual de 11,8%, o Brasil cresceu a 8,7%. Mesmo nas décadas de 80 e 90 mantém-se o diferencial em favor do Espírito Santo, apesar da perda de dinamismo de ambas as economias.

Nas décadas de 80 e 90, as taxas de crescimento caem tanto para a economia brasileira, quanto para a capixaba. Mesmo assim, o Espírito Santo continua a manter um ritmo melhor do que o da economia nacional. A década de 80 foi a pior das décadas, tanto para o Espírito Santo quanto para o Brasil - 3,3% para o Es-

pírito Santo contra 2% para o Brasil. Ainda em ritmo lento, na década de 90, a liderança do Espírito Santo é mantida.

Como explicar essa boa performance? Na década de sessenta éramos ainda uma economia incipiente. Basta registrar que o forte da nossa economia era a agricultura, e quase exclusivamente dependente do café. Aproximadamente 54% do nosso PIB era gerado nesse setor. A indústria participava com apenas 7%. Tínhamos a maioria da população na área rural. A cidade de Vitória, por exemplo, tinha 83.000 habitantes em 1960 e a Grande Vitória 200.000. Mudanças mais profundas começam a acontecer na segunda metade da década de 60, principalmente em razão da adoção de políticas consistentes de incentivos à industrialização.

Chega-se, assim, em 1970 com a indústria respondendo por 17% do PIB. Por outro lado, a agricultura reduz a sua participação no PIB para 23%. Logicamente, isso tem muito a ver com a crise cafeeira que culminou com a erradicação de áreas plantadas. Todavia, a grande reviravolta estaria para acontecer, mesmo,



na década de 70, década que coincide com um crescimento explosivo da economia brasileira. É nesse momento que a economia capixaba passa se integrar à lógica de expansão planejada da economia brasileira. Isso se dá através dos chamados grandes projetos, a começar pela expansão da CVRD, com o complexo de Tubarão, seguido pela Aracruz, Samarco e CST. Portanto, podemos creditar esse segundo salto à inserção da economia capixaba na lógica da economia brasileira. Nesse aspecto, o Espírito Santo deixa de ser economia agrícola e comercial provinciana e passa à era industrial, globalizada.

O DESEMPENHO DA ECONOMIA CAPIXABA NA VIRADA DO SÉCULO

O período que vai da segunda metade da década de 90 ao início da primeira década do século 21 certamente ficará na história econômica do Espírito Santo, como um período de mudanças profundas. Mudanças essas que tenderão a reforçar a sua base industrial e comercial exportadora e também o seu viés territorial, que privilegia regiões com capacidade de conectividade com a eco-

nomia mundial. Adicionam-se a esse cenário, os impactos que advirão das atividades de exploração de petróleo e gás.

EXPANSÃO INDUSTRIAL

Esse período é caracterizado por expansões de grandes plantas industriais, especialmente de celulose, minerais e metalurgia. Inaugura-se também, nesse período, um processo de diversificação e adensamento de cadeias produtivas. No entanto, essas mudanças ainda não alcançaram de forma mais sustentável as atividades econômicas. O PIB manteve-se quase estável, mesmo apresentando em alguns anos, como em 2000, taxas razoavelmente altas de crescimento. Mesmo apresentando um crescimento menor do que o observado historicamente, chegando próximo à estagnação, esse período é marcado pela retomada acelerada do processo de concentração espacial das atividades econômicas.

Orlando Caliman

Mestre em Economia
Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas - Nep/Ufes
Executivo do Instituto Futura

Indústrias administram oscilações na economia mundial

Indústrias de portes variados foram implantadas ou ampliadas em Linhares nos últimos anos, com destaque para a Protenorte (antiga Avenorte, produtos Kifrango) Sucos Mais (sucos de frutas prontos), Perfilados Rio Doce, Brametal (torres de energia de alta tensão) e Imetra-me (beneficiamento de granito e mármore).

EMPREGOS CHEGAM A 600 EM CINCO ANOS

Juntas, as três últimas indústrias abriram aproximadamente 600 novos empregos nos últimos cinco anos. Existe ainda a Lasa - Linhares Agroindustrial S. A. - que cultiva cana-de-açúcar e produz álcool. Serralherias, fundições, cerâmica, brinquedos e outros segmentos também têm representação significativa no setor.

A Protenorte (marca Kifrango) ocupa 130 funcionários na área rural, com uma produção de 22 mil frangos/70 dias em cada um dos 50 aviários, e 190 funcionários na indústria, para uma produção de 22 mil frangos/dia. Suas metas para 2006 são o lançamento de novos produtos.

PRAGA ATRASA PRODUÇÃO

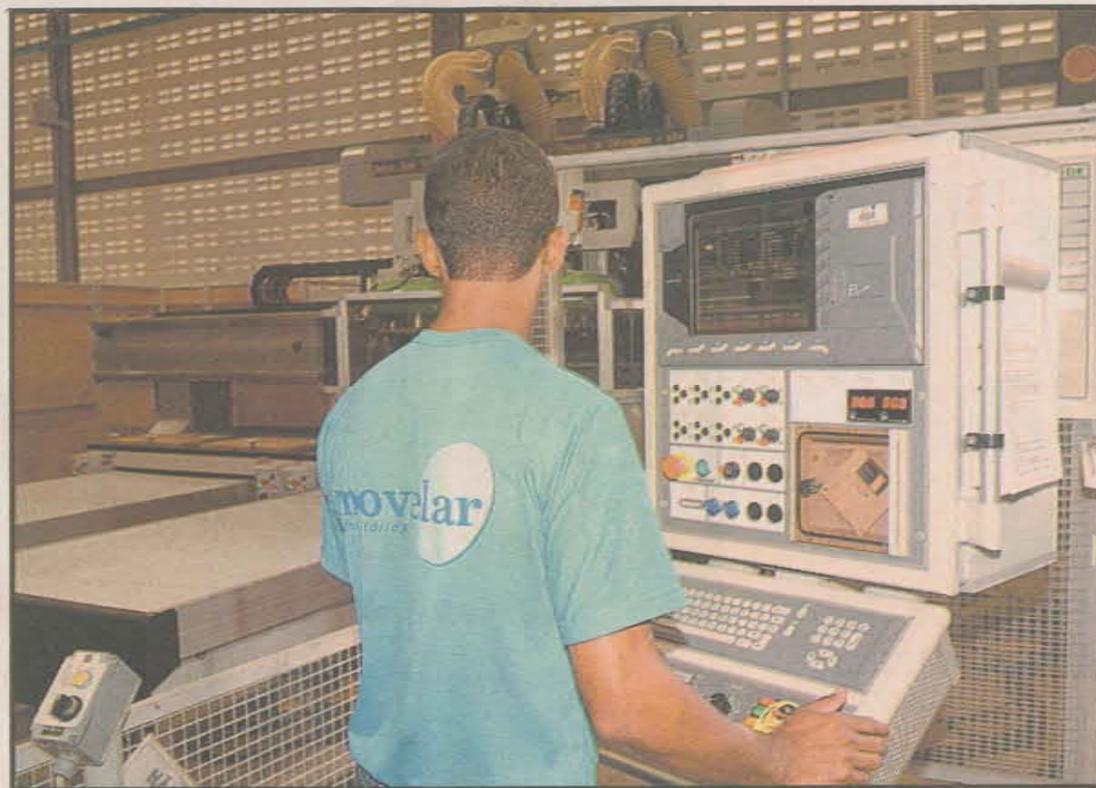
A elevação da produção para 35 mil aves/dia, no início deste ano, sofreu um pequeno abalo com a proliferação da febre aviária na Europa, que acabou provocando queda nas exportações e, conseqüentemente, redução de preços para o consumidor. A empresa passou ileso por aquela fase e já uma projeção para chegar ao final de 2006 com uma produção de 44 mil aves/dia.

A Perfilados Rio Doce representou um investimento da ordem de R\$ 9 milhões somen-

te para cobrir custos de instalação. A indústria utiliza 200 funcionários para fabricar tubos de aço, perfis estruturais e telhas, entre outros produtos. E antes mesmo de inaugurar já recrutava pessoal para a formação de mais um turno de trabalho.

FÁBRICA DE TORRES

A poucos quilômetros do centro de Linhares, a Brametal foi outra grande indústria que se instalou em Linhares, para produzir torres de linhas de transmissão de energia. A Brametal ocupa 180 pessoas e tem o equipamento mais moderno da América do Sul, sendo a única no Estado a ter uma linha de galvanização. A sede fiscal da empresa foi transferida do Sul do País para Linhares. Os investimentos iniciais ultrapassaram os R\$ 12 milhões e a fábrica opera atualmente em três turnos. Desde sua implantação, os gráficos registram constância na produção.



Elber Suzano

É esperado um aumento de 15% nas vendas do setor moveleiro para este ano

Vendas de móveis devem crescer 15%

O volume de vendas dos produtos fabricados no pólo moveleiro de Linhares deve registrar um aumento em torno de 15% até o final deste ano, mas o faturamento não deverá acompanhar esse crescimento.

A previsão é do presidente do Sindimol, Admilse Guidini, que acompanha de perto a evolução do quadro produtivo do setor. Há uma série de fatores que interferiram nessa avaliação, entre eles a desvalorização do dólar e as questões tributárias que sobrecarregam as indústrias.

EXPORTAÇÃO AFETADA

O diretor-presidente da Móveis Rimo, Luiz Rigoni também acredita que a desvalorização afetou consideravelmente as vendas, sobretudo em relação à exportação. "Há inúmeras distorções criadas por essa situação", diz o ex-presidente do sindicato da categoria. Os números registrados no primeiro semestre não foram tão atraentes em relação aos anos anteriores, mas "sempre temos esperança de mudanças positivas para a segunda metade do ano, quando a tendência é au-

mentar o consumo na ponta do processo produtivo".

Rigoni lembrou que as exportações em 2004 chegaram a US\$ 5,8 milhões. "Parece pouco - disse, mas há alguns anos não exportávamos mais do que US\$ 560 mil. Foi um salto de 74% em 2004, um recorde registrado pelas empresas exportadoras de Linhares".

Em termos de volume provavelmente vamos aquecer as vendas, mas com a situação econômica como se encontra, o montante do faturamento não deverá

oscilar".

EXPORTAÇÕES

De acordo com registros do Sindimol, pelo menos 30 países absorvem, atualmente, 15% do total da produção do setor de móveis de Linhares. Eles podem ser encontrados em várias partes do mundo, mas os países que mais adquirem os produtos linharenses, ainda de acordo com o Sindimol, são os Estados Unidos com 34%, a França com 14% e a Argentina com 14% da produção.

Central de negócios impulsiona

Criada em março deste ano, a Central de Negócios de Móveis sob Encomenda de Linhares é a única do País nesse setor e registra resultados positivos, que anima os participantes. Além de viabilizar melhores preços nas negociações com os fornecedores, as fábricas afiliadas da Central têm acesso a cursos e consultorias, que possibilitam melhorias internas nos processos produtivos das indústrias e capacitam os empresários com informações sobre marketing, preservação ambiental, saúde e segurança do trabalho, formação de preços, entre muitos outros.

Nove fabricantes de móveis sob encomenda participam da Central: Incomasa Móveis, Móveis Vettoraci, Luana Móveis, Móveis Comper, Móveis Lovatte, Movelux, Móveis Zuliani, Total Móveis e Pinheiro Móveis. A Central é resultado de um programa para o desenvolvimento das pequenas e micro-empresas realizado pela coordenação do Sebrae em Linhares com o apoio do Sindimol.

Um grupo de fornecedores participou da terceira rodada de negócios realizada pela Central, para a aquisição de matéria-prima. O objetivo da reunião foi a compra de MDF. É o terceiro mês que a Central convida fornecedores das placas para negociar. Eles receberam informações sobre o funcionamento da Central e o potencial de compras das empresas. A matéria-prima vai ser adquirida pelas fábricas no período de 30 dias após a aprovação da compra.

Vestuário muda força econômica de Colatina

ROCHAS, FRIGORÍFICO E METALMECÂNICA
TAMBÉM SÃO SETORES FORTES

Na década de 50, Colatina ganhou fama de ser o maior produtor de café do Estado e foi nos anos 70 que teve início o processo de industrialização, que a coloca hoje como uma das maiores economias do Estado. Um levantamento mostra que a maior riqueza mineral é o granito, com várias jazidas e empresas de beneficiamento. Colatina conta com duas das dez maiores empresas atacadistas do País. Além disso, há um intenso movimento de comércio e serviços, com mais de 1.500 empresas. Atualmente, a principal cidade da Região Noroeste do Estado ostenta um vigoroso parque industrial. O carro-chefe é o pólo de vestuário, que produz cerca de 3,5 milhões de peças por mês, sendo 85% destinados aos demais estados brasileiros e até ao exterior. A fabricação de móveis sob encomenda num sistema artesanal ainda se constitui numa alavanca da economia local e regional. Também se destaca a área de metal mecânica, cerâmica e de frigorífico. O município tem enormes jazidas de granito e a industrialização já está acontecendo.

Sinvesco quer imposto mais justo para o setor

O pólo de vestuário de Colatina tem mais de 480 empresas, que produzem cerca de 3,5 milhões de peças por mês. Nesse segmento produtivo trabalham cerca de sete mil pessoas, sendo 85% mulheres. O setor conquistou "calibragem fiscal" por

meio de apelos ao governo estadual, mas o desempenho das vendas enfrenta problemas por conta de outros itens de consumo, segundo o Sindicato das Indústrias de Vestuário de Colatina (Sinvesco). "Temos que estar atentos às necessidades do setor, principalmente

em relação à capacitação dos gestores, além de melhor trabalho das marcas", disse a presidente do Sinvesco, Vanessa Schimidt. Ela observa que o setor da moda convive com a cultura da terceirização, de estruturas enxutas de maneira horizontal e não vertical. "A realidade nos mostra que é fundamental dedicar atenção ao plano de capacitação e marca, e não apenas em produção", atesta.

E acrescenta que vale buscar aperfeiçoamento para enfrentar

um mercado de acirrada concorrência. A direção do Sinvesco reivindicou junto ao governo capixaba "uma alíquota justa do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para o setor, criando assim melhores condições de concorrer com a sistemática tributária de outros estados."

TRIBUTOS

De acordo com a presidente do Sinvesco, a situação tributária

não pode colocar o setor em desvantagem frente a alíquotas menores praticadas em outras unidades da Federação. "O setor de vestuário pode não gerar muita renda para os cofres do Estado, mas tem um papel fundamental quanto à paz social, pelo grande número de empregos gerados. No pólo da Região Noroeste, por exemplo, são aproximadamente 16 mil postos de trabalho.

O setor reclama da reduzida margem de lucro, principalmente

quando tem que "desovar estoques" em decorrência do clima. "Temos que conviver com os aspectos relacionados com o clima econômico. No primeiro caso, a margem de lucro é reduzida em virtude de coleções que nem sempre emplacam no clima das estações. E, no segundo, vendemos produto de moda, que é supérfluo. Vestuário é sempre o primeiro item a ser cortado do orçamento quando o dinheiro fica curto."



Ivan Batista

Neste galpão teve início o funcionamento da Indústria de Confeções Incovel, que pertence ao Grupo Guermar. A empresa foi uma das pioneiras no setor de vestuário colatinense

Terminal Ferroviário de Cargas já é realidade

A construção do Terminal Ferroviário de Cargas de Colatina vai fortalecer a atividade industrial, com a implantação de empresas de beneficiamento de granito. Sete empresas já adquiriram terrenos próximos à área do terminal, na região de Maria Ortiz, para o funcionamento de teares, facilitando o processo de industrialização de blocos desse mineral e o transporte por meio de trens até a região portuária capixaba.

O Terminal de Cargas foi inaugurado no dia 20 de junho, numa solenidade bastante concorrida, com a presença do governador Paulo Hartung e de lideranças políticas e empresariais. A operacionalidade dos trens, segundo informou o coordenador do projeto, Frederico Freire, depende agora de ajustes de energia elétrica e de dos trilhos. A previsão é de que a partir do final de julho o transporte ferroviário de cargas seja realidade no Terminal, com investimentos de cerca de R\$ 12 milhões.

EMPRESA ANUNCIA CONSTRUÇÃO DE 20 TEARES

A empresa Marbrasa, do empresário Camilo Cola, detentora de área com 130 mil metros quadrados, está executando serviços de terraplanagem para instalação de uma indústria com capacidade para funcionar 20 teares. A princípio, serão colocados em funcionamento 12 teares, para industrialização de granito.

Frederico Freire prevê um novo ciclo de desenvolvimento industrial em Colatina, com o funcionamento do Terminal Ferroviário de Cargas. "Os investimentos já feitos mostram que a industrialização do granito vai deslanchar numa grande área nas proximidades do centro operacional de embarque e desembarque de cargas", detalha. Ele acrescenta que todas as condições de infra-estrutura foram criadas no local, para atender à nova realidade da economia.

Na avaliação do secretário municipal de Desenvolvimento Econô-



Ivan Batista

O Terminal Ferroviário de Cargas já foi inaugurado e representa, agora, o passo inicial para a criação do Distrito Industrial do município, um antigo sonho dos empresários locais

mico e de Turismo, Dorval Uliana, Colatina vai experimentar novo estágio de industrialização, graças ao Terminal Ferroviário de Cargas, que ocupará área de 24 hectares em Maria Ortiz, a cerca de 25 quilômetros do Centro da cidade. "É um projeto que atrairá vultosos investimentos na região, tornando o parque industrial mais vigoroso, com a geração de novos empregos e impostos para os cofres do governo".

DISTRITO INDUSTRIAL

De acordo com o secretário, a localização logística e estratégica, com a credibilidade dos parceiros Centronorte e Companhia Vale do Rio Doce, vai tornar realidade o tão sonhado distrito industrial. O projeto do Terminal inclui um Recinto

Específico Destinado à Exportação (Redex), ou seja, significa para o município colatinense exportar produtos produzidos aqui mesmo na região, agregando os valores de exportação que atualmente vão parar nos cofres dos municípios portuários.

"Colatina vai experimentar um novo ciclo de desenvolvimento, tornando realidade a operacionalidade do Terminal Ferroviário e a implantação do pólo industrial, cujas obras estão bastante avançadas", detalhou Dorval Uliana. As empresas que já compraram áreas no local são Granasa, Centronorte, Marbrasa, Granibras, Granitos Colatina, Chapori, e Empresa Luz e Força Santa Maria.

Frisa: pioneirismo na exportação de carnes

O Frigorífico Rio Doce (Frisa) é outra grande indústria colatinense na área de carnes "in natura" e na produção de enlatados e embutidos que abastecem o Espírito Santo e outros estados. O hambúrguer é o carro-chefe da linha de produção.

O Frisa, que surgiu em Colatina em 1970, é hoje o maior exportador de produtos de origem animal do Espírito Santo. Segundo informou o diretor-comercial da empresa, Silvestre Coutinho, as carnes "in natura" atendem aos mercados da Europa, Oriente Mé-

dio, especialmente Israel e, mais recentemente, a Rússia. O Frisa foi o primeiro grande empreendimento industrial de Colatina e emprega hoje cerca de mil trabalhadores.

CERÂMICA QUER ENERGIA MAIS BARATA

O setor de cerâmica é muito forte na região, com cerca de 40 indústrias fabricando telhas, lajotas e pisos. A produção atende ao mercado capixaba e a outros centros como Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e até o Nordeste.

Os empresários do segmento

ceramista temem pela queda da produção, em decorrência da elevação do preço da energia elétrica. Num encontro recente, o setor discutiu a situação, buscando uma solução de revisão da base de cálculo junto à Agência Nacional de Energia Elétrica (Anel).

A indústria metalmeccânica também se destaca, com a produção de carrinhos de mão, latões para armazenar leite, baldes de ordenha, escadas e caixas d'água, entre outros itens.

A Metalosa é a empresa que lidera a produção de carrinhos de mão no Brasil.

Empresários do setor de vestuário têm projeto voltado para exportação

Os pequenos e médios empresários que produzem vestuário em Colatina estão "de olho" no mercado exterior, onde querem colocar parte do que produzem. No momento, apenas grandes empresas do setor – cerca de 2% das unidades do pólo produtor de roupas – vêm firmando negócios com países da Ásia, Europa e ainda com os Estados Unidos. O projeto Têxtil Brasil, em parceria com o Sebrae, oferece ao empresariado condições para conquistar o mercado internacional de modas.

A presidente do Sinvesco, Vanessa Schmidt, revelou que o projeto de incentivo à exportação de vestuário é oportuno, mas existem aspectos que merecem ser analisados cuidadosamente pelo empresariado do pólo de confecções, principalmente em relação à desvalorização do dólar frente ao Real e no que diz respeito à inadimplência. "O projeto Têxtil Brasil é uma ferramenta importante à disposição do setor, com relação aos meios a serem utilizados para a exportação".

Conforme assinalou, as pequenas empresas estão sendo preparadas para exportar parte da produção, uma investida para fortalecer a produção de vestuário durante todo o ano. As coleções que chegam ao mercado criam uma sazonalidade, deixando períodos ociosos que podem ser aproveitados com mais negócios via exportação. Das 700 indústrias existentes no pólo regional de vestuário, Colatina conta com 480, entre micros, pequenas, médias e grandes.



Ivan Batista

Vanessa Schimidt, presidente do Sinvesco concorda com a exportação mas aconselha cautela

Moveleiras buscam novos mercados

Colatina tem um pólo de micro e pequenas empresas que fabricam móveis artesanais sob encomenda, gerando grande volume de negócios no Espírito Santo e também no eixo Belo Horizonte-Rio de Janeiro-São Paulo.

São 156 unidades de produção – cerca de 50% funcionando em Colatina – de características familiar e artesanal, empregando 4,5 mil trabalhadores, de acordo com o Sindimóveis. A matéria-prima utilizada na fabricação de móveis é o eucalipto e MDF – micro fibras de madeiras.

ESTRATÉGIA PARA ENFRENTAR DIFICULDADES

As indústrias de produção de móveis da Região Noroeste do Estado constituem-se numa alavanca no contexto do desenvolvimento econômico, mas buscam estratégias para superar dificuldades pelas oscilações existentes nesse segmento do mercado. Os móveis fabricados têm valor agregado pelo sistema semi e artesanal. A produção segue projetos elaborados por arquitetos de várias regiões do Brasil, tomando Colatina referência no embelezamento de casas, apartamentos e escritórios.

O diretor do Sindimóveis, Or-

têmio Locatelli, disse que o setor se prepara para executar um projeto visando a fortalecer as empresas, buscando parcerias na área de investimentos, inclusive a Fundo Perdido e junto a órgãos de capacitação. "Precisamos do poder público quer municipal, estadual e federal, para fortalecer esse importante segmento da economia regional. A questão do financiamento do setor será trabalhada de forma determinada, queremos crescer para fazer mais negócios com o mercado interno e até exportar móveis", assegura. O projeto será voltado para a fabricação de móveis semi e artesanais.

Instituto Euvaldo Lodi é referência de solução empresarial no Espírito Santo há 36 anos

FOI EM 1971 QUE ACONTECEU O SALTO PARA NOVAS FRENTES DE ATUAÇÃO DA ENTIDADE OFERECENDO SERVIÇOS MODERNOS

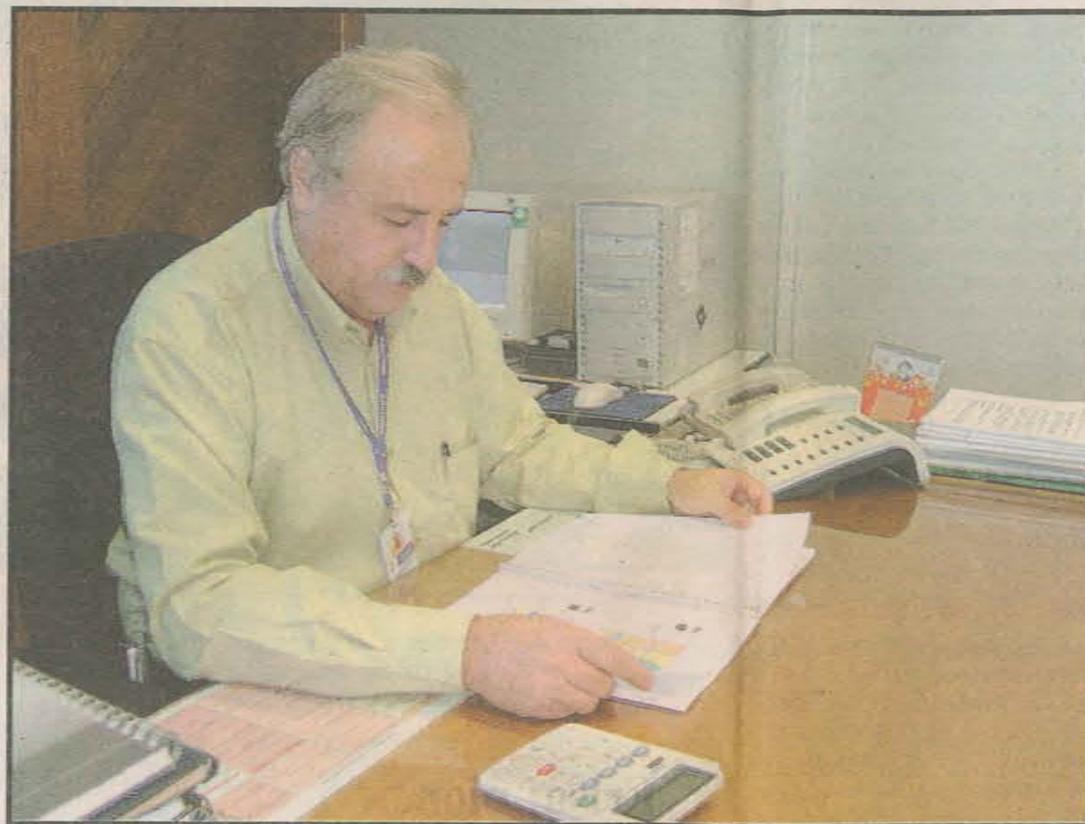
Em 1969 chegava ao Espírito Santo o Instituto Euvaldo Lodi (IEL-ES). Sua missão era promover a interação entre a universidade e o setor produtivo. Hoje, a entidade é referência em soluções empresariais e figura entre as mais importantes instituições capixabas de suporte ao processo de desenvolvimento industrial, atuando ao lado das micro, pequenas, médias e grandes empresas locais, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do Estado.

Até 1991, durante os primeiros 20 anos, o IEL-ES atuou basicamente no processo de interação universidade-indústria, por meio do programa Estágio Supervisionado. O salto para novas frentes de atuação aconteceu em 1991, ano que marcou também a indicação do atual superintendente do IEL-ES, Benildo Denadai, para o cargo.

IEL OFERECE SISTEMAS DE GESTÃO E CERTIFICAÇÃO DE FORNECEDORES

A qualidade deixou de ser diferencial competitivo e passou a ser uma exigência de mercado. Com isso, o número de empresas que adotaram a norma ISO 9001 como referência para a implementação da gestão da qualidade tem aumentado consideravelmente. Diante desse cenário, a demanda por profissionais qualificados na área de qualidade também vem aumentando.

Na área da gestão da qualidade empresarial, o IEL-ES oferece um dos mais conceituados serviços de implantação da ISO 9001:2000: Sistema de Gestão de Qualidade, com mais de 400 empresas atendidas.



Benildo Denadai, superintendente do IEL-ES falou sobre a importância das atividades do órgão junto às empresas

Divulgação

A ISO 9001:2000 é uma norma internacional, que especifica os requisitos para a implementação do Sistema de Gestão da Qualidade em qualquer empresa que necessite demonstrar sua capacidade em fornecer produtos e serviços. Em setembro deste ano, o IEL-ES abrirá novas turmas que participarão desse processo de qualificação.

MEIO AMBIENTE

O Sistema de Gestão Ambiental (SGA) tem como referência a norma ISO 14001:2004, que tem como propósito geral apoiar a

proteção ao meio ambiente em equilíbrio com as necessidades socioeconômicas das empresas. Essa norma estabelece os requisitos mínimos para a organização do Sistema de Gestão Ambiental, permitindo que a empresa formule uma política e objetivos, levando em conta as exigências legais e informações sobre impactos ambientais significativos.

O SGA funciona como um conjunto de práticas operacionais, que tratam da proteção do meio ambiente, através da eliminação ou minimização de impac-

tos e danos ambientais decorrentes de ampliação, planejamento, realocação ou desativação de um projeto empresarial.

"Seja gerindo as tarefas da empresa ou contribuindo com a comunidade e com os órgãos ambientais no desenvolvimento de processos produtivos que minimizem as agressões à natureza, a certificação do SGA qualifica a empresa em tudo que se refere à questão ambiental, de suma importância para o crescimento sustentável", informa o Superintendente do IEL-ES, Benildo Denadai.

Saúde e segurança ocupacionais despertam interesse

Para garantir melhorias nas condições de trabalho de seus colaboradores, as empresas têm buscado a certificação no Sistema de Gestão de Saúde e Segurança Ocupacionais (SGSS). O sistema é baseado na Norma OHSAS 18001:1999, que tem como objetivo fornecer às organizações elementos eficazes para o controle dos riscos à saúde e à segurança do trabalhador, melhorando seu desempenho.

O SGSS visa a melhorias contínuas por meio de ações planejadas, para adequar as condições de trabalho da empresa, a fim de reduzir acidentes e trazer melhor qualidade de vida aos colaboradores da empresa.

Com a certificação nesse sistema, as empresas podem definir uma estrutura para metas, objetivos, política e responsabilidades sobre assuntos que vão desde o controle e monitoramento dos processos até a identificação de perigos e riscos.

CERTIFICAÇÃO DE FORNECEDORES

O Programa Integrado de Desenvolvimento e Qualificação de Fornecedores (Prodfor), é uma ação conjunta das principais empresas compradoras de produtos, bens e serviços instaladas no Espírito Santo (Cesan, Telemar, Canexus, Technip, Petrobrás, CVRD, CST e Belgo Arcelor, Samarco, Chocolates Garoto, Aracruz Celulose e Escelsa) em parceria com a Federação das Indústrias do Espírito Santo) e o IEL.

O objetivo é implementar um sistema de gestão para desenvolvimento e qualificação dos fornecedores de bens e serviços, minimizando seus custos, aumentando a confiança nos fornecedores, melhorando a qualidade e reduzindo os riscos de fornecimento inadequado. Este ano são 57 empresas participantes com certificação prevista para Novembro/Dezembro de 2006. Mais de 250 empresas já foram certificadas pelo Prodfor.

História da Findes se confunde com a história recente do Espírito Santo

A ENTIDADE FOI CRIADA NO DIA 12 DE FEVEREIRO DE 1958 E SEU PRIMEIRO PRESIDENTE FOI O EMPRESÁRIO AMÉRICO BUAIZ

O Espírito Santo tem quase cinco séculos de existência. Desses, quatro foram passados às escondidas. O Estado nada mais era do que uma barreira geográfica estratégica, para impedir que as riquezas do Estado de Minas Gerais saíssem pelos portos capixabas.

A ligação que Minas tinha com o mar era feita pelo Porto do Rio de Janeiro e pelo Porto de Parati. Aqui, nem estradas havia. O Espírito Santo foi uma capitania, depois província e, mais tarde, um Estado abandonado.

O INÍCIO DA EXPANSÃO

Quem fala dessa história é o presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes) Lucas Izoton Vieira, lembrando também que "só com a vinda dos imigrantes europeus, na virada do século XIX para o século XX, uma primeira fase de expansão se deu aqui, com a cultura do café. O segundo pe-

ríodo ocorreu nos anos 70, com a instalação de grandes projetos industriais".

A história dá conta ainda de que até o início dos anos 60, as atividades industriais pouco representavam em termos de riquezas e arrecadação para o Estado. A classe empresarial capixaba, pouco expressiva na época, se aglomerava em torno da Associação Comercial de Vitória, seguida pela criação da Federação do Comércio, que teve como um dos seus fundadores e primeiro presidente, o empresário Américo Buaiz.

A CRIAÇÃO DA FINDES

No entendimento de representantes da Federação do Comércio, as características econômicas e sociais do Espírito Santo apresentavam, como ocorria no Nordeste brasileiro, crescimento econômico desigual em relação às regiões Sul e outros estados do Sudeste.

A desvantagem impulsionou um grupo de empreendedores capixabas, no sentido de realizar contatos com o Governo Federal, que estudava a criação de novos pólos industriais, como forma de integrar a economia nacional.

A partir desse movimento foi criada, em 12 de fevereiro de 1958, a Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo - (Findes) reconhecida pela carta sindical assinada pelo então ministro dos Negócios do Trabalho, da Indústria e do Comércio, Fernando Nóbrega, em 29 de julho de 1958.

Américo Buaiz foi o primeiro presidente dessa instituição, que hoje ostenta o orgulho de ter contribuído para o crescimento do Espírito Santo e suas indústrias, desde a sua criação.

COMEÇO COM 5 SINDICATOS

A Federação iniciou suas atividades reunindo apenas cinco sindicatos: o da Indústria de Torrefação e Moagem de Café; Indústria da Construção Civil; Indústria Mecânica; Indústria da Panificação e Confeitaria; Massas Alimentícias e Biscoitos e Indústria de Serraria e Carpintaria. Hoje, a Findes tem 31 sindicatos filiados.

Além de Américo Buaiz, que esteve no comando da Federação entre 1958 e 1968, foram presidentes da Findes, Jones dos Santos Neves Filho, de 1968 a 1977; Oswaldo Vieira Marques, de 1977 a 1983; Hêlcio Rezende Dias, de 1983 a 1989; Sérgio Rogério de Castro, de 1989 a 1992; José Bráulio Bassini, de 1992 a 2000 e Fernando Antônio Vaz, de 2000 a 2004. Este último foi substituído pelo empresário Lucas Izoton Vieira, que está há dois anos na presidência da Findes.



Divulgação

A CST-Arcelor foi um dos grandes projetos implantados no Espírito Santo e que contribuíram para o desenvolvimento do parque industrial e da economia capixaba

Lucas Izoton diz que Estado vive terceira onda de crescimento

A expansão dos grandes projetos industriais, com destaque para o setor de gás e petróleo, representa o terceiro grande impulso vivido pela economia capixaba. O presidente da Findes, Lucas Izoton, prevê para os próximos cinco anos um período de euforia e um boom de investimentos nunca vistos. Até o ano de 2010, cerca de US\$ 18 bilhões devem ser injetados na economia. "Metade desse valor será destinada à área de mineração e a outra metade à cadeia de gás e petróleo", afirma.

O Espírito Santo, em sua avaliação, já vem crescendo com destaque

indústria, que gera 40% do PIB capixaba, o Espírito Santo está vivendo um momento extremamente positivo, principalmente, para os setores de gás, petróleo, siderurgia, mineração e celulose.

CAMPEÕES DE ARRECADAÇÃO

Em termos de arrecadação, os setores da indústria mais representativos para a economia capixaba são o de minério de ferro, que contribui com 46%; o aço, com 24%; a celulose, com 12% e rochas, com 9%. A soma desses quatro itens gera algo em torno de 91% das exportações

tomo de 4% ao ano, no Brasil cresce entre 2 e 2,5%, o que significa baixo poder aquisitivo interno. Setores que dependem muito do mercado brasileiro, como o moveleiro, o de vestuário, calçados, alimentos e bebidas, têm dificuldades de expansão pelo baixo nível de consumo no País.

As exportações feitas pelo Espírito Santo crescem ano a ano, informa o presidente da Findes. Ano passado, foram US\$ 5,5 bilhões em exportação, contra US\$ 4,0 bilhões de importação, gerando um saldo para a balança de US\$ 1,5 bilhão.

A previsão para 2006 é ainda mais promissora, devendo atingir



Divulgação

Lucas Izoton contou a história da Findes e falou de sua importância para o setor industrial do Espírito Santo

O Espírito Santo, em sua avaliação, já vem crescendo com destaque nas duas últimas décadas. "Acreditamos que nos próximos dez anos devemos experimentar o maior crescimento do Brasil, podendo alcançar índices acima de dois dígitos", afirma Izoton. Para ele, em termos da

A soma desses quatro itens gera algo em torno de 91% das exportações capixabas. Para Lucas Izoton, o setor da indústria capixaba voltado para a exportação experimenta um crescimento muito maior do que o setor que produz para o mercado interno.

Isso ocorre porque enquanto a economia mundial cresce algo em

A previsão para 2006 é ainda mais promissora, devendo atingir uma receita de US\$ 1,7 bilhão, apesar de o dólar estar cotado a pouco mais de R\$ 2,00, o que dificulta a indústria exportadora. Para Izoton, "um dólar mais justo e coerente seria algo em torno de R\$ 2,8".

Findes divulga ranking das maiores empresas do Estado

O Sistema Findes divulga, anualmente, o ranking das 150 maiores empresas capixabas. Em 2005 58% das mais bem colocadas eram indústrias.

O primeiro lugar foi ocupado pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD); o segundo, pela Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST-Arcelor); o terceiro, ficou com a Aracruz Celulose; o quarto, para a Espírito Santo Centrais Elétricas (Escelsa) e o quinto lugar para a Companhia Importadora e Exportadora Coimex.

MAIORES GRUPOS

Entre os maiores grupos destacou-se o Grupo Itapemirim. As primeiras empresas classificadas por setor foram: Chocolates Garoto (Alimentos), Blokos Engenharia (Construção Civil), A Gazeta (Editorial e Gráfica), Granito Zucchi (Mármore e Granito), Companhia Vale do Rio Doce (Pelotização e Siderurgia), Fertilizantes Heringer (Química), Poltex Polido Têxtil (Têxtil e de Confecção), Companhia Importadora e Exportadora Coimex (Comércio Atacadista), Hortigil Hortifrutti (Comércio Varejista), Kurumá Veículos (Concessionária de Veículos), Cotia Trading (Importação e Exportação), Viação Itapemirim (Transporte).

As empresas que compõem o ranking de 2005 apresentaram uma receita bruta, no exercício de 2004, da ordem de R\$ 196,8 bilhões. Desse faturamento, R\$ 46,5 bilhões foram gerados pelas unidades instaladas ou com sede fiscal no Espírito Santo, garantindo 59.876 empregos diretos. Segundo a pesquisa do IEL-ES, em 2004 houve um crescimento de 46% na receita operacional bruta do grupo das 150 maiores, em relação a 2003.

Ao lado uma relação das 58 maiores indústrias capixabas.

As 58 maiores empresas industriais

Empresa	Município
Samarco	Anchieta
Aracruz Celulose	Aracruz
Mexen	Aracruz
Selita	Cachoeiro de Itapemirim
Murbrasa	Cachoeiro de Itapemirim
Pemagran	Cachoeiro de Itapemirim
Nova Aurora Marm.	Cachoeiro de Itapemirim
Belgo	Cariacica
White Martins	Cariacica
Concrevit	Cariacica
Frisa	Colatina
Luz Força Santa Maria	Colatina
Meralosa	Colatina
Disa	Conceição da Barra
Refrigerantes Coroa	Domingos Martins
Siderúrgica Ibirapu	Ibirapu
Fieza	Ibirapu
Usina Paineiras	Itapemirim
Movelar	Linhares
Brametal	Linhares
Perfilados Rio Doce	Linhares
Rimo	Linhares
Kifrango	Linhares
Lasa	Linhares
Caligram	Mimoso do Sul
Coopnorte/Veneza	Nova Venécia
Cridasa	Pedro Canário
CST	Serra
Carboindustrial	Serra
Fortlev	Serra
Carboderivados	Serra
Tracomal	Serra
Oroato	Serra
Poltex	Serra
Gran Zucchi	Serra
Eluma	Serra
Andrade Marm. Gran.	Serra
General Cable	Serra
Voxiles	Serra
Paranasa	Serra
Contek Eng.	Serra
Viminas	Serra
Fertilizantes Heringer	Viana
CBF S.A.	Viana
Real Café	Viana
Dumilho	Viana
Garoto	Vila Velha
CVRD	Vitória

Perspectivas de crescimento apontam para municípios do Sul do Estado

O PRAZO PREVISTO PELA FINDES PARA A CONCRETIZAÇÃO DOS PROJETOS É DE CERCA DE 10 ANOS

Entre os municípios que concentram maior número de indústrias no Espírito Santo, a Serra, na Grande Vitória, ainda aparece em destaque, de acordo com levantamentos anuais realizados pela Findes. A perspectiva de crescimento para o futuro, no entanto, aponta para o município de Anchieta, no Sul do Estado, onde devem se concentrar investimentos de grande volume.

Entre eles, a expansão da Samarco, a instalação de quatro usinas de pelotização da CVRD, uma nova usina siderúrgica, além da Ferrovia Litorânea Norte-Sul, o gasoduto, a estação de tratamento de gás e, pelo menos, mil indústrias satélites, que vão se concentrar em torno do porto da Petrobrás.

PRAZO PREVISTO É DE 10 ANOS

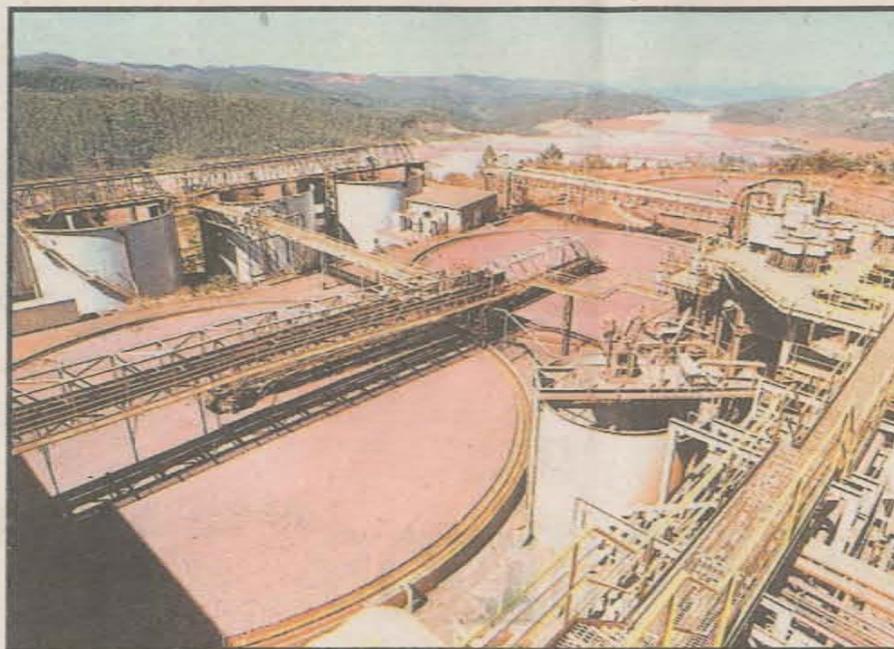
O crescimento previsto para o Sul, que deve ocorrer, segundo previsão do presidente Lucas Izoton, num prazo de dez anos, já serve de estímulo para que a Findes construa unidades do Sesi e do Senai no município de Anchieta. Segundo sua previsão, devem se destacar em termos de crescimento também a cidade de São Mateus, no Norte do Estado e em terceiro lugar, Aracruz.

O quê, a seu ver, não significa estagnação na Serra, onde indústrias de médio porte ainda terão preferência para instalar as suas unidades produtivas, por ser uma área próxima da capital.

SERVIÇOS E LOGÍSTICA

Cariacica e Vila Velha, segundo ainda a avaliação do presidente da Findes, devem concentrar empresas do ramo de serviços e logística. Na Região Noroeste, Colatina deve concentrar a área de vestuário, enquanto que Nova Venécia e Barra de São Francisco concentrarão as indústrias de granito. Ao sul, Cachoeiro de Itapemirim e municípios vizinhos terão desenvolvimento assegurado, com a extração e beneficiamento do mármore e do granito.

O PIB industrial capixaba, nos próximos 12 anos, vai mais do que dobrar. O Espírito Santo deve se tornar o estado brasileiro de maior crescimento, principalmente, no que se refere à área industrial. Fazendo os cálculos, Lucas Izoton aposta em algo em torno de 7 e 8%, podendo chegar, em alguns anos, a dois dígitos. O carro-chefe do desenvolvimento será a cadeia de gás e petróleo, que em seis anos multiplicará por dez o seu volume de negócios.



Divulgação

A expansão da Samarco está entre os empreendimentos previstos para o Sul

FUNÇÃO DAS INSTITUIÇÕES QUE COMPÕEM O SISTEMA FINDES

Sesi-ES

A função do Sesi é contribuir para o fortalecimento da responsabilidade social das indústrias, desenvolvendo ações que promovam saúde, educação, esporte, lazer e cultura, com direcionamento para os trabalhadores e comunidades em que estão inseridos. A instituição atua também nas áreas de saúde ocupacional, segurança do trabalho e proteção ao meio ambiente. O Sesi conta com 12 Centros de Atividades - Cats - distribuídos no Estado.

Senai-ES

O Senai foi criado para promover a capacitação tecnológica das empresas, por meio de programas de assessoria técnica e tecnológica e de formação profissional, qualificação e especialização de trabalhadores em todos os níveis.

IEL-ES

O IEL-ES apóia o aperfeiçoamento da gestão empresarial, por meio de serviços de desenvolvimento de recursos humanos, integração e ações estratégicas, informação empresarial, gestão e tecnologia. O órgão promove a capacitação empresarial, desenvolve projetos de incentivo ao empreendedorismo, contribuindo para a modernização e o crescimento da indústria.

Cindes

O Cindes é o articulador de movimentos que levam à discussão, assuntos de interesse da indústria e de eventos para o intercâmbio cultural.

Sindicatos são a força da Findes

A Federação das Indústrias é a instituição máxima de representação patronal da indústria capixaba. Sua força se revela pela adesão de 31 sindicatos filiados, agregando cerca de 8.500 indústrias em todo o Estado.

A missão da Findes é fazer com que suas ações contribuam para o crescimento do parque produtivo, e formular a política industrial capixaba. Outra tarefa que cabe à Federação é funcionar como um canal de comunicação entre os sindicatos filiados e os diversos segmentos da sociedade.

ATIVIDADE

Por meio dos Conselhos Técnicos Superiores, do Centro de Apoio aos Sindicatos e das Delegacias Regionais, a Findes tem serviços nas áreas de tecnologia, comércio exterior, infra-estrutura, economia, sindical, meio ambiente e jurídica. O objetivo é proporcionar ao industrial toda a estrutura necessária para uma atuação consistente no seu ramo de negócio.

Incluem-se entre os sindicatos patronais filiados à Findes, os maiores e mais importantes no cenário da economia capixaba, como: Sindicato da Indústria de Panificação e Confeitaria, Sindicato da Indústria da Construção Civil, Sindicato da Indústria de Rochas Ornamentais, Cal e Calcário; Sindicato das Indústrias Metalúrgicas; Sindicato das Indústrias de Madeira e do Mobiliário de Linhares e Sindicato das Indústrias do vestuário de Colatina, entre outros.

ORIENTAÇÃO

Para essas instituições, a Findes desenvolve estudos, pesquisas e projetos que visam a orientar as ações de promoção industrial e novos investimentos.

Os conselhos técnicos dos sindicatos avaliam tendências e propõem diretrizes para ações de apoio e assessoria aos filiados. Além disso, por intermédio de três delegacias regionais localizadas em Colatina, Linhares e Cachoeiro de Itapemirim, a instituição procura manter-se próxima da demanda produzida por sua clientela.



Divulgação

A Escola Técnica Federal formou, durante muitos anos, pessoal especializado para atividades gráficas, como chapistas, linotipistas, impressores e operadores de guilhotinas e prelos

Cefetes atualiza cursos para acompanhar a evolução industrial

UM DOS CENTROS DE ENSINO DE MAIOR CREDIBILIDADE EM TODO O ESTADO FOI SE APRIMORANDO ATÉ CHEGAR AOS ATUAIS NÍVEIS DE EXCELÊNCIA

A relação da antiga Escola Técnica Federal, atualmente Centro de Educação Tecnológica do Espírito Santo, com a indústria elétrica, ambos com duração de cinco anos. A instituição avançou uma vez mais para oferecer, além disso, os pri-

elétrica, ambos com duração de cinco anos. A instituição avançou uma vez mais para oferecer, além disso, os pri-

CURSOS OFERECIDOS

Cursos Técnicos

Construção Civil - Vitória e Colatina
Geomática - Vitória
Eletrotécnica - Vitória
Mecânica - Vitória
Informática - Colatina e Serra
Química - Vitória
Automação Industrial - Serra
Transportes - Vitória e Cariacica
Metalurgia e Materiais - Vitória
Segurança do Trabalho - Vitória e Colatina
Rochas Ornamentais - Cachoeiro de Itapemirim
Eletromecânica - Vitória e Cachoeiro

Tecnologia em Siderurgia - Vitória
Saneamento Ambiental - Vitória
Tecnologia/Manutenção
Eletromecânica - Vitória
Tecnologia/Sistema de Informação - Serra
Tecnologia Redes/Computadores - Serra e Colatina

CPós-graduação

Eng. Segurança do Trabalho - Vitória
Eng. Sanitária e Ambiental - Vitória
Metalurgia c/ ênfase em Siderurgia - Vitória
Educação Profissional Técnica Integrada ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos - Vitória

Cursos de Nível Superior/graduação

Engenharia Elétrica - Vitória
Engenharia Metalúrgica - Vitória

Vestibular é muito concorrido

Para selecionar candidatos aos cursos de nível superior, o Cefetes oferece dois vestibulares, anualmente, tão disputados quanto os vestibulares da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Segundo Dênio Arantes, certos cursos chegam a ter 22 candidatos por vaga. Mas o mais concorrido é o de técnico de mecânica.

“Todos os cursos técnicos da área de indústria têm uma procura altíssima, principalmente, porque os alunos, antes mesmo de terminarem os estudos, já estão empregados”, afirma o diretor.

ACOMPANHANDO O MERCADO

O Cefetes procura estar em sintonia com as demandas do mercado. Para a construção civil, segmento em constante crescimento

no Estado, a instituição oferece cursos desde 1961. Os cursos de mecânica, outro setor demandado pelas indústrias capixabas desde 64. Nível de ensino elevado, eficiência reconhecida, infra-estrutura bem aparelhada e alto nível do corpo de professores, são, na opinião do diretor do Cefetes, as razões do sucesso constante da instituição.

“O corpo docente do Cefetes é altamente qualificado, tanto científica quanto tecnicamente. Além disso, a titulação dos professores só tem crescido, uma prova da busca pelo aprimoramento”, afirma Dênio.

Com a inauguração das novas unidades, o Cefetes, que tem hoje sete mil alunos matriculados e 450 professores, vai oferecer mais 300 vagas por semestre, o que levará a um aumento de vagas para professores e funcionários.



A relação da antiga Escola Técnica Federal, atualmente Centro de Educação Tecnológica do Espírito Santo (Cefetes), com o Estado teve início em 1909 quando, após a assinatura de um decreto autorizando seu funcionamento, a escola se instalou no centro da capital, na Rua Presidente Pedreira, no Parque Moscoso, para oferecer cursos a sapateiros, costureiros, serralheiros, gráficos e coureiros. Assim, estava criada, e em funcionamento, a Escola de Aprendizagem e Artífices do Espírito Santo.

No período, o Estado não desenvolvia qualquer atividade industrial. Dênio Rebello Arantes, atual diretor de ensino, lembra que em 1942 a instituição passou por uma primeira grande reforma, mudando o nome para Escola Técnica de Vitória. A sede saiu do Centro para se instalar, definitivamente, no Bairro de Jucutuquara, onde se localiza até hoje.

SEGUNDA GUERRA DESPERTA ATENÇÃO PARA INDÚSTRIA

Foi nessa época, em meio à Segunda Guerra Mundial, lembra o diretor, que o País manifestou pela primeira vez a necessidade de produzir mão-de-obra para a indústria. Os cursos de nível médio, no entanto, só seriam oferecidos a partir de 1960, quando a instituição se transformou em Escola Técnica Federal do Espírito Santo.

Os primeiros cursos técnicos oferecidos foram Edificações, Mecânica e Eletrotécnica. Em 99, a escola viveu novo estágio de mudanças, transformando-se em Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo – Cefetes – para oferecer os primeiros cursos de nível superior.

Tecnologia de Metalurgia e Materiais – com duração de três anos – foi o primeiro deles, seguido pelos cursos de engenharia metalúrgica e engenharia

elétrica a partir dos com duração de cinco anos. A instituição avançou uma vez mais para oferecer, além disso, os primeiros cursos de pós-graduação.

A carga horária dos cursos do Cefetes apresenta um diferencial em relação aos demais oferecidos por universidades, porque 50% das aulas são obrigatoriamente de laboratório, voltadas para a prática. “Nossos cursos destinam-se ao setor produtivo. Na medida em que foi se modificando a organização da produção no Espírito Santo, o Cefetes foi mudando para estar próximo e sintonizado com as demandas”, afirma o diretor Dênio Arantes.

SERVIÇO E INDÚSTRIA COM MAIS FORÇA

Para a indústria, que detém 80% dos cursos, e o setor de serviços, que o Cefetes atua, formando mão-de-obra. O diretor conta que em 1992 foi adotada uma política de descentralização, com a inauguração, em Colatina, de uma nova unidade, para o funcionamento do curso superior de rede de computadores. O mesmo se deu em 2001 na Serra, com a inauguração de uma nova unidade para oferecer cursos superiores da área da informática, além de uma grade extensa de cursos técnicos.

A descentralização continuou avançando. No ano passado, foi inaugurada a unidade de Cachoeiro de Itapemirim, que atua com cursos na área de rochas ornamentais e metalmeccânica. Para este ano, duas novas unidades estão previstas, uma em Cariacica, outra em São Mateus. Em Cariacica, serão ofertados cursos de saneamento ambiental e transporte. Para os dessa área, foi acertada uma parceria com a CVRD, que necessita qualificar mão-de-obra para operação de ferrovias. Em São Mateus, a unidade será voltada para a área de petróleo, com cursos de eletro-mecânica e segurança do trabalho.



Para a indústria, que detém 80% dos cursos oferecidos, o Cefetes mantém laboratórios especializados

Senai recebe investimentos para acompanhar ritmo da Economia

ALÉM DE DUAS AGÊNCIAS – SÃO MATEUS E ANCHIETA – O SENAI DISPÕE AINDA DE TRÊS UNIDADES MÓVEIS PARA ATENDER AO INTERIOR

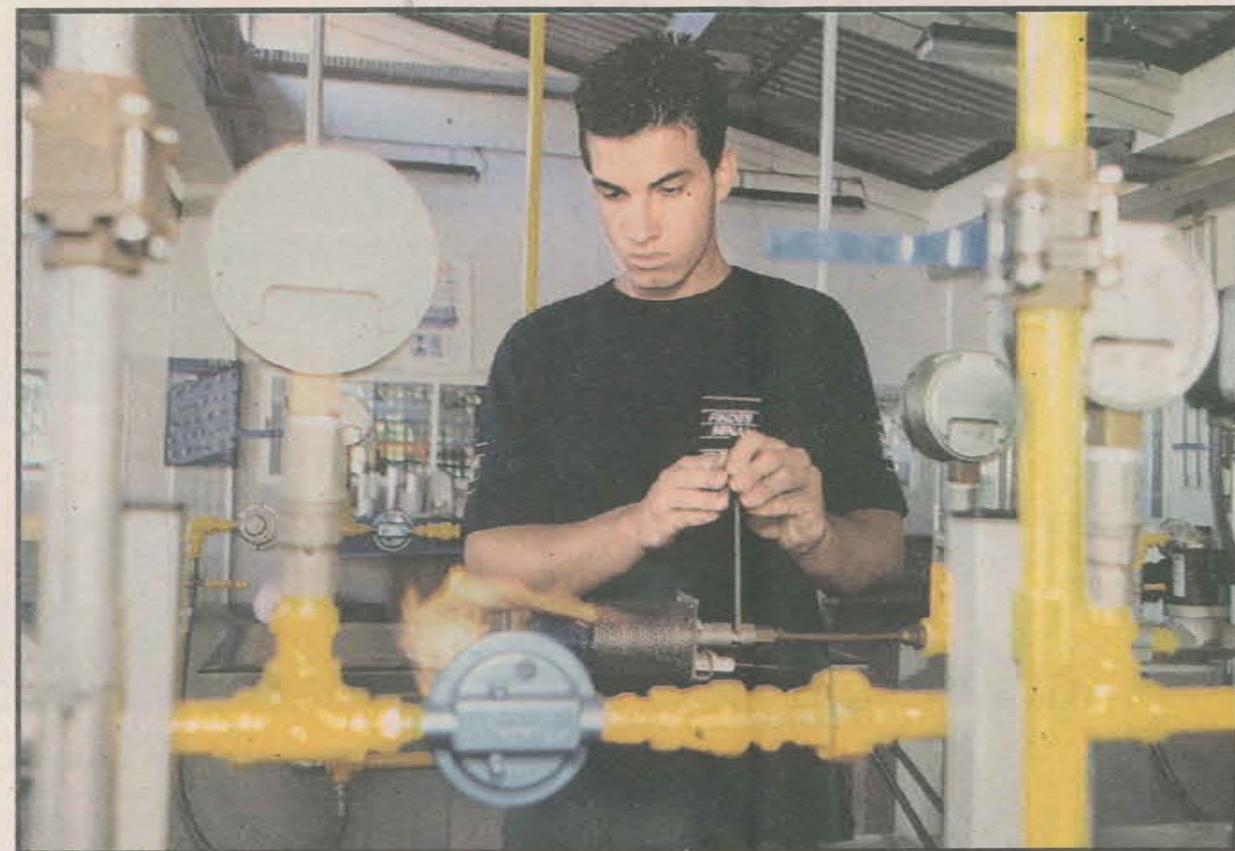
Para fazer frente à onda de desenvolvimento do Espírito Santo, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) está investindo R\$ 9,5 milhões em melhorias em suas unidades, tanto em obras de reforma e ampliação das instalações físicas, quanto na aquisição de modernos equipamentos. O resultado desse trabalho será a oferta de mais 2.930 vagas em cursos de formação e de qualificação profissional no Estado.

O Senai dispõe de seis unidades operacionais (Vitória, Serra, Vila Velha, Colatina, Linhares e Cachoeiro), onde oferta, segundo avaliação da sua diretoria, o que há de mais moderno para a capacitação de mão-de-obra industrial. Das seis unidades, uma funciona como Centro de Exames de Qualificação (Cequal).

ENTIDADE MANTÉM AGÊNCIAS NO NORTE E NO SUL DO ESTADO

O Senai dispõe ainda de duas agências (São Mateus e Anchieta) e três unidades móveis, preparadas para oferecer atendimento qualificado para as áreas de panificação, costura industrial e informática. Ao criá-las, o Senai priorizou o atendimento de regiões distantes dos centros de ensino, no interior do Estado.

Em Anchieta, com vistas à expansão da Samarco, o Senai realizou treinamentos para a construção civil, em parceria com a prefeitura, – que cedeu o espaço de um ginásio de esportes, transformado em escola – e com a própria mineradora. Mil e duzentas pessoas foram treinadas para as funções de pedreiro, armador, carpinteiro e mestre de obra, e mais



Divulgação

O Senai incrementou os cursos, para enfrentar a escassez de mão-de-obra

950 para as áreas de eletricidade, metalúrgica e de mecânica.

Outras 250 pessoas serão preparadas, até o final deste ano, nas áreas de eletricidade, metalúrgica e mecânica. A idéia é de que a empresa em expansão possa utilizar mão-de-obra local, evitando a migração e os problemas decorrentes desse processo.

Já em Aracruz, por meio de uma parceria com a Portocel, o Senai está realizando o treinamento de mão-de-obra para a área de constru-

ção civil. Até setembro serão qualificadas – para pedreiro, carpinteiro, armador e auxiliar de obra – 500 pessoas da comunidade do entorno da empresa, visando à duplicação do porto.

CURSOS PARA COMBATER ESCASSEZ DE MÃO-DE-OBRA

Segundo o diretor regional do Senai, Robson Cardoso, o grande movimento industrial tem provocado escassez de pessoal qualificado. O pro-

blema é mais acentuado para as funções de nível médio, o que gerou a demanda para cursos, no Senai, em sistema intensivo, com 8 horas diárias.

A CST-Arcelor e a Petrobras são duas empresas que se fizeram parceiras da instituição, para solucionar problemas de treinamento de mão-de-obra em nível técnico. Robson Cardoso comemora os números positivos registrados no Senai-ES: nos últimos quatro anos, foram formados 120 mil alunos.

Senai apóia a indústria há mais de meio século

O Senai foi criado no Espírito Santo em 1942. Por força de um acordo com a Companhia Vale do Rio Doce, a instituição montou o primeiro programa de cursos, destinados a preparar mão-de-obra específica para a manutenção da Estrada de Ferro Vitória-Minas.

A diversificação dos cursos só aconteceu em 1964, com a construção da sede da na Avenida Beira-Mar, em Vitória. A ampliação se deu seis anos depois, com a construção de duas unidades; uma em Cachoeiro de Itapemirim e outra em Linhares.

GRANDES PROJETOS GERAM AMPLIAÇÃO DE CURSOS

A instalação dos grandes projetos industriais no Estado, a partir da década de 70, obrigou o Senai a ampliar seus serviços, criando unidades móveis. Nos anos 80, foram construídas as unidades fixas de Colatina e da Serra, além do Centro Tecnológico de Instrumentação Industrial em Vitória, formando uma rede de educação profissional.

Em 92, o Senai construiu uma unidade em Vila Velha e, em 2000, promoveu a fusão dos dois centros instalados em Vitória, dando origem ao Centro de Educação Tecnológica (Cetec), instalado na Avenida Beira-Mar.

Órgão faz exames de qualificação

Num futuro muito próximo, as grandes empresas vão exigir certificação de todo o pessoal de manutenção", afirma o diretor regional do Senai, Robson Cardoso. Foi para atender a essa exigência, que a entidade criou e mantém o Centro de Exames de Qualificação (Cequal).

Trata-se de um programa específico de qualificação que mostra, ao final, o nível de eficiência de cada profissional. A CST-Arcelor e a Companhia Vale do Rio Doce são empresas que já lançaram mão desse serviço, prestado pelo Senai, que está disponível também para profissionais autônomos que desejam investir em aprimoramento e atualização.

CERTIFICAÇÃO

O Cequal já certificou 2.057 pessoas nas seguintes modalidades: mecânico de manutenção nível 1 (1.266 candidatos), eletricista de manutenção nível 1 (349), instrumentista de manutenção nível 1 (197 candidatos), inspetor de manutenção elétrica (11), caldeireiro de manutenção (78 candidatos) e caldeireiro montador (156).

Para mecânico lubrificador, o processo de exame de qualificação teve início em fevereiro deste ano, sendo recomendados à certificação dois candidatos. Já para inspetor de manutenção mecânica, o processo de qualificação começou no dia 6 de junho último.

Programa leva trabalho e renda a regiões carentes

Um programa de alcance nacional, cujo objetivo é criar a possibilidade de trabalho e renda nas diversas regiões, principalmente as carentes, é mantido pelo Senai do Espírito Santo. Batizado de Programa de Ações Móveis (PAM) e coordenado pela unidade do Senai de Vila Velha, o programa leva salas de aula para as comunidades há mais de cinco anos.

Com treinamentos rápidos e eficazes, realizados através de parcerias com prefeituras, lideranças comunitárias, organizações não-governamentais, igrejas e empresas, o programa capacita alunos para exercer atividades autônomas e incentiva a criação de microempresas, ensinando noções básicas de aplicação de recursos materiais e financeiros, composição de preços e atendimento ao cliente, além de noções de meio ambiente e relações interpessoais.

CURSOS DO PAM

O PAM oferece 98 cursos em 12 áreas de atuação: construção civil, confecção, informática, alimentos, mecânica de automóveis, mecânica, eletrônica, madeira e mobiliário, serviços, artesanato, solda e higiene e beleza. São formados mecânicos, padeiros, doceiros, costureiros, eletricitistas, pedreiros, soldadores e salgadeiros, entre outros profissionais.

INVESTIMENTO DE R\$ 1,6 MILHÃO NO SENAI DE COLATINA

O primeiro passo para a expansão do Senai de Colatina – um investimento de R\$ 1,639 milhão – foi dado em maio, com o lançamento do projeto de expansão da unidade, que prevê a construção de um moderno auditório para 240 pessoas, seis salas de aula e uma ampla área de evento, que possibilitará, por exemplo, a realização de grandes desfiles.

Além do lançamento do projeto de expansão – que permitirá a oferta de mais 270 vagas por curso – foi apresentado o Laboratório de Costura da unidade, criado em 1986, mas totalmente remodelado este ano. Foram adquiridas 52 máquinas e, a partir de agosto, haverá um novo curso, de "Costura em Malha", com 140 horas/aula.

O Senai é uma das seis entidades que compõem o Sistema Fines (Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo) e, em Colatina, é orientado pela Diretoria Regional Noroeste da Federação, comandada por Marcos Guerra e pelo Conselho Consultivo Senai/Sesi (Serviço Social da Indústria).

O projeto de expansão do Senai-Colatina vai ampliar a área construída em mais de mil metros quadrados. Com a conclusão da obra, a unidade passará a ter mais de quatro mil metros quadrados, aumentando sua capacidade de oferecer educação profissional e serviços técnicos e tecnológicos à indústria.

ÁREAS DE ATUAÇÃO DO SENAI EM 2006

Alimentos e bebidas	Educação	Madeira e mobiliário	Tecnologia da informação
Automação (mecatrônica, instrumentação e automação de manufaturas)	Eletroeletrônica (eletricidade, eletrotécnica e eletrônica)	Meio ambiente (controle ambiental/saneamento)	Química/petroquímica
Automotiva	Gestão	Metalmeccânica (mecânica, metalurgia, siderurgia e fundição)	Saúde e segurança do trabalho
Celulose e papel	Gráfica e editorial	Segurança no trabalho	Telecomunicações
Construção civil	Gestão/administração industrial	Telecomunicações	Transportes
			Têxtil e vestuários

Transição econômica em Linhares foi lenta

ESSE FENÔMENO DUROU CERCA DE 30 ANOS, TEMPO SUFICIENTE PARA O SURGIMENTO DE DEZENAS DE EMPRESAS DE VÁRIOS RAMOS

A transição econômica do município de Linhares, saindo da cultura do café e do cacau para ingressar nos áureos tempos da madeira foi lenta o suficiente, para que novos e diversificados empreendimentos surgissem. Foi um fenômeno que durou pouco menos de três décadas, porque a corrida à era da madeira rareou as matas de tal forma, que as áreas preservadas só se sustentaram, paradoxalmente, por conta das lavouras cacauceiras, que exigiam sombreamento natural, segundo a tecnologia da época.

A exploração da madeira remete aos anos 60 e 70. Da pequena indústria de móveis artesanais do senhor Datan Pereira (existente até hoje), saíram os futuros empresários do setor de móveis em série, que fizeram de Linhares o quinto pólo produtor do Brasil.

MOBRASA

De Datan Pereira, nos anos 60, o salto foi para o começo da década de 70. Em 1975/76, Linhares ostentava uma grande indústria de compensados, que atendia a boa parte do País com seus produtos.

A fábrica fez nascer em seu entorno um novo bairro que, por muito tempo se chamou bairro Mobra. Nessa época, os registros dão conta de que, aproximadamente 220 indústrias de beneficiamento de madeira, não incluindo aí as fábricas de móveis, que também se projetavam além dos limites municipais.

CONFECÇÕES

O burburinho do desenvolvimento estendeu-se também a outros segmentos, com relativo destaque para a indústria de confecções. Amparado por um sindicato então atuante, o pólo de confecções agregava mais de 60 indústrias de vários portes. Os empreendedores que planejaram seus negócios continuaram no ramo e, gradativamente, foram literalmente encampando as menores que, abatidas por uma queda vertical da economia brasi-

leira, não conseguiram sobreviver.

Nesse ramo, se apresenta hoje a All Jarreau, com uma produção mensal superior a 6 mil peças entre jeans e malhas.

Ainda sobre a Mobra, parte da família Rigoni, que mantinha o complexo Movelar – dormitórios, estofados e lojas de varejo – adquiriu a antiga fábrica de compensado e se dividiu em empresas independentes. O ramo comercial foi negociado para outro grupo e a Movelar se transformou em duas – dormitórios e estofados.

NOMES SUGEREM MUDANÇAS

Não demorou muito, a confusão dos nomes das marcas sugeriu uma mudança. A linha de dormitórios permaneceu com o título enquanto a de estofados passou a se denominar Delare (corruptela do italiano “focolare”, que significa lar, casa, família ou, simplesmente, do lar). Um dos membros da família se dissociou e montou a Rimo Móveis, que vem a ser hoje, junto com a Movelar Dormitórios, as duas maiores indústrias do complexo moveleiro, ambas com vendas sistemáticas para diversos países do mundo.

A partir dos anos 80, a diversificação econômica do município provocou uma mudança de rota, ampliou o leque de produtos e colocou o município numa posição totalmente independente de grupos ou segmentos específicos. Aqui, segundo a unanimidade do empresariado, não há, hoje, o menor risco de uma crise, justamente por conta da pluralidade industrial.

Com a inclusão do município na área de abrangência da Sude ne e a conseqüente oferta de benefícios para os investidores de outras regiões, diversas indústrias começaram a se instalar na região. Como acontece em situações semelhantes em qualquer parte do mundo, cada indústria acaba atraindo outras indústrias de suporte ou concorrentes.



Valter Monteiro

O município tem recebido, atualmente, muitos outros tipos de indústrias, inclusive de beneficiamento de polpa de frutas

Atrativos conquistam novas empresas

A proximidade com o centro político e financeiro do Estado, a topografia plana, boas rodovias, água e áreas verdes, localização próxima aos centros de escoamento por via aérea ou marítima constituem alguns dos atrativos paralelos, que despertam o interesse dos investidores.

Instalou-se uma fábrica de sucos prontos que dependia de polpas de frutas e agora já se instala uma indústria desse segmento. Outras indústrias de alimentos também chegam ou acenam para o município, considerando todos

os benefícios enumerados.

METALMECÂNICA SUPERA METAS

O setor metal-mecânico sistematicamente supera suas próprias metas e bate recordes. O clima confortável em nível econômico que existe hoje no município levou uma indústria de Santa Catarina a não só instalar uma unidade fabril no município, como também mudar para cá sua sede fiscal.

A partir da primeira indústria de beneficiamento de rochas ornamentais instalada, outras indústrias do

mesmo segmento se aproximam. A mais recente empresa que começa a se instalar em Linhares abre um novo segmento. Uma indústria coreana implanta em Linhares uma fábrica de televisores com monitor de plasma e mais trinta produtos de alta tecnologia.

CONTRA-PONTO

Esse panorama que se descortina hoje é o contra-ponto da situação caótica de quatro décadas atrás, quando não se despontavam no horizonte do futuro as menores possibilidades de recuperação: a madeira

acabava, o café tinha perdido grandes áreas com a emancipação de dois municípios e o cacau, ameaçado por pragas letais, perdia conceito e mercado externo.

O novo quadro de Linhares, hoje, remete para uma condição econômica invejável, empanada, talvez, apenas, pelo caos urbano que já se configura para os próximos dez anos. O mesmo que acontece em milhares de outras cidades que descobrem o caminho da emancipação financeira e se vêem obrigadas a resolver gigantescos problemas de ordem social.

Indústrias administram oscilações na economia mundial

Indústrias de portes variados foram implantadas ou ampliadas em Linhares nos últimos anos, com destaque para a Protenorte (antiga Avenorte, produtos Kifrango) Sucos Mais (sucos de frutas prontos), Perfilados Rio Doce, Brametal (torres de energia de alta tensão) e Imetrame (beneficiamento de granito e mármore).

EMPREGOS CHEGAM A 600 EM CINCO ANOS

Juntas, as três últimas indústrias abriram aproximadamente 600 novos empregos nos últimos cinco anos. Existe ainda a Lasa – Linhares Agroindustrial S. A. – que cultiva cana-de-açúcar e produz álcool. Serralherias, fundições, cerâmica, brinquedos e outros segmentos também têm representação significativa no setor.

A Protenorte (marca Kifrango) ocupa 130 funcionários na área rural, com uma produção de 22 mil frangos/70 dias em cada um dos 50 aviários, e 190 funcionários na indústria, para uma produção de 22 mil frangos/dia. Suas metas para 2006 são o lançamento de novos produtos.

PRAGA ATRASA PRODUÇÃO

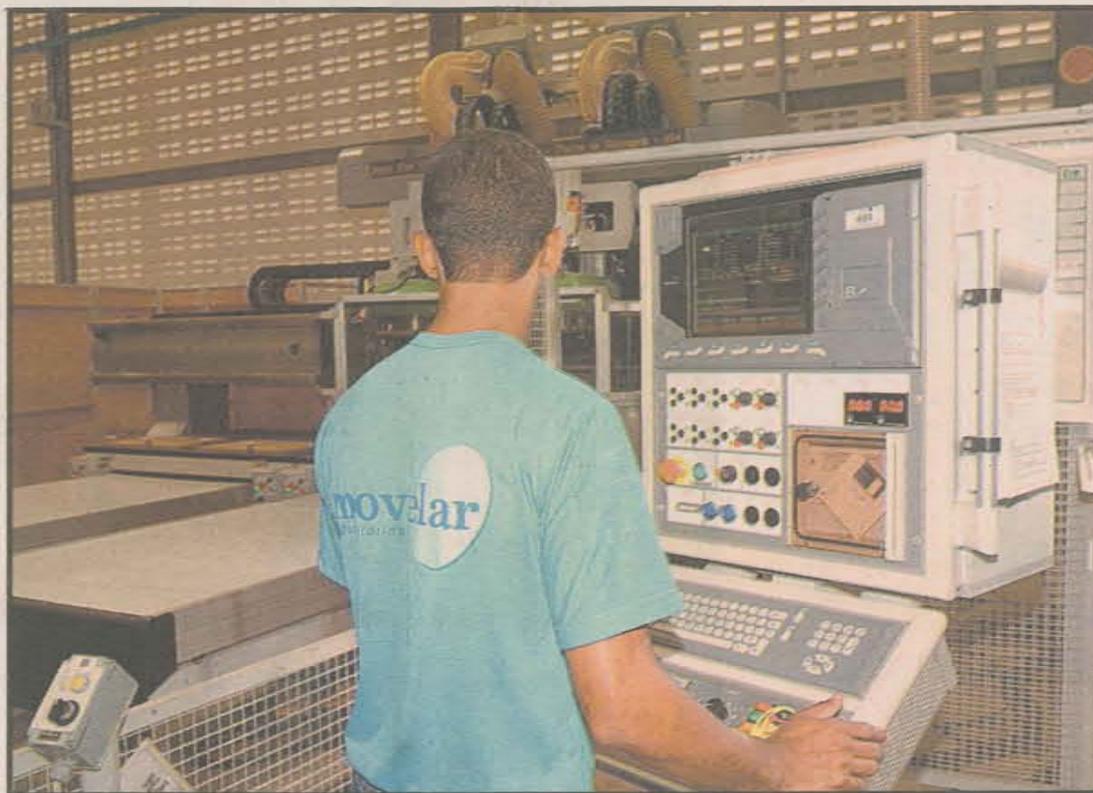
A elevação da produção para 35 mil aves/dia, no início deste ano, sofreu um pequeno abalo com a proliferação da febre aviária na Europa, que acabou provocando queda nas exportações e, conseqüentemente, redução de preços para o consumidor. A empresa passou ilesa por aquela fase e já uma projeção para chegar ao final de 2006 com uma produção de 44 mil aves/dia.

A Perfilados Rio Doce apresentou um investimento da ordem de R\$ 9 milhões somen-

te para cobrir custos de instalação. A indústria utiliza 200 funcionários para fabricar tubos de aço, perfis estruturais e telhas, entre outros produtos. E antes mesmo de inaugurar já recrutava pessoal para a formação de mais um turno de trabalho.

FÁBRICA DE TORRES

A poucos quilômetros do centro de Linhares, a Brametal foi outra grande indústria que se instalou em Linhares, para produzir torres de linhas de transmissão de energia. A Brametal ocupa 180 pessoas e tem o equipamento mais moderno da América do Sul, sendo a única no Estado a ter uma linha de galvanização. A sede fiscal da empresa foi transferida do Sul para Linhares. Os investimentos iniciais ultrapassaram os R\$ 12 milhões e a fábrica opera atualmente em três turnos. Desde sua implantação, os gráficos registram constância na produção.



Elber Suzano

É esperado um aumento de 15% nas vendas do setor moveleiro para este ano

Vendas de móveis devem crescer 15%

O volume de vendas dos produtos fabricados no pólo moveleiro de Linhares deve registrar um aumento em torno de 15% até o final deste ano, mas o faturamento não deverá acompanhar esse crescimento.

A previsão é do presidente do Sindimol, Admilse Guidini, que acompanha de perto a evolução do quadro produtivo do setor. Há uma série de fatores que interferiram nessa avaliação, entre eles a desvalorização do dólar e as questões tributárias que sobrecarregam as indústrias.

EXPORTAÇÃO AFETADA

O diretor-presidente da Móveis Rimo, Luiz Rigoni também acredita que a desvalorização afetou consideravelmente as vendas, sobretudo em relação à exportação. “Há inúmeras distorções criadas por essa situação”, diz o ex-presidente do sindicato da categoria. Os números registrados no primeiro semestre não foram tão atraentes em relação aos anos anteriores, mas “sempre temos esperança de mudanças positivas para a segunda metade do ano, quando a tendência é au-

mentar o consumo na ponta do processo produtivo”.

Rigoni lembrou que as exportações em 2004 chegaram a US\$ 5,8 milhões. “Parece pouco – disse, mas há alguns anos não exportávamos mais do que US\$ 560 mil. Foi um salto de 74% em 2004, um recorde registrado pelas empresas exportadoras de Linhares”.

Em termos de volume provavelmente vamos aquecer as vendas, mas com a situação econômica como se encontra, o montante do faturamento não deverá

oscilar”.

EXPORTAÇÕES

De acordo com registros do Sindimol, pelo menos 30 países absorvem, atualmente, 15% do total da produção do setor de móveis de Linhares. Eles podem ser encontrados em várias partes do mundo, mas os países que mais adquirem os produtos linharenses, ainda de acordo com o Sindimol, são os Estados Unidos com 34%, a França com 14% e a Argentina com 14% da produção.

Central de negócios impulsiona

Criada em março deste ano, a Central de Negócios de Móveis sob Encomenda de Linhares é a única do País nesse setor e registra resultados positivos, que anima os participantes. Além de viabilizar melhores preços nas negociações com os fornecedores, as fábricas afiliadas da Central têm acesso a cursos e consultorias, que possibilitam melhorias internas nos processos produtivos das indústrias e capacitam os empresários com informações sobre marketing, preservação ambiental, saúde e segurança do trabalho, formação de preços, entre muitos outros.

Noves fabricantes de móveis sob encomenda participam da Central: Incomasa Móveis, Móveis Vettoraci, Luana Móveis, Móveis Comper, Móveis Lovatte, Movelux, Móveis Zuliani, Total Móveis e Pinheiro Móveis. A Central é resultado de um programa para o desenvolvimento das pequenas e micro-empresas realizado pela coordenação do Sebrae em Linhares com o apoio do Sindimol.

Um grupo de fornecedores participou da terceira rodada de negócios realizada pela Central, para a aquisição de matéria-prima. O objetivo da reunião foi a compra de MDF. É o terceiro mês que a Central convida fornecedores das placas para negociar. Eles receberam informações sobre o funcionamento da Central e o potencial de compras das empresas. A matéria-prima vai ser adquirida pelas fábricas no período de 30 dias após a aprovação da compra.

Nova Venécia busca novos rumos para a melhoria da economia

O SETOR DE ROCHAS CRESCEU TANTO, QUE A PREFEITURA MUNICIPAL JÁ CUIDA DE UM SEGUNDO PÓLO INDUSTRIAL

A pesar de ainda ser um município essencialmente agrícola, com destaque para a produção de café, Nova Venécia desenvolveu nos últimos anos grande potencial em dois outros setores: Na produção de leite e na extração de granito.

Fundada por 17 produtores rurais em 1953, a Cooperativa Agropecuária do Norte do Espírito Santo (Coopnorte), que fabrica e comercializa os produtos Veneza, surgiu com o objetivo de sanar os problemas da comercialização do leite numa região controlada pela pecuária de corte.

MARCA HOMENAGEIA COLONIZADORES

Em 1972 foi criada a marca Veneza, uma homenagem aos italianos, colonizadores do município. Hoje, a empresa é a sétima maior indústria de alimentos do Espírito Santo e uma das maiores produtoras de queijo do Brasil,

distribuindo seus produtos para o Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Pará, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Com 1,2 mil associados, a Coopnorte tem uma produção média de 41,4 milhões de litros leite/ano e 3,8 mil toneladas de queijo. Com receita anual de R\$ 38,8 milhões, emprega 266 funcionários.

GRANITO

Já a exploração de granito surgiu no final dos anos 60. Tida como região onde se concentram as maiores e melhores jazidas do País, o Norte do Estado começou a atrair várias empresas do setor. O granito, hoje, é a terceira maior fonte de receita de Nova Venécia, apelidada de A Capital Nacional do Granito.

No município, que tem as maiores reservas do mineral, a exploração começou há 23 anos, com a chegada da Mineradora Granasa, que passou a extrair o granito Amarelo Veneciano, um dos mais valiosos do mundo.

Nos anos 90, surgiu o primeiro pólo industrial do município, que hoje conta com 29 empresas instaladas. E como a atividade está com o mercado aquecido, a Prefeitura prepara uma nova área de 37 alqueires, que será transformada no segundo pólo industrial do município.

A implantação do segundo pólo industrial, a chegada de mais empresas ao município, a melhoria do mercado interno, devido ao incentivo do Governo Federal na construção civil, a inauguração do aterro para dejetos e o apoio efetivo da Secretaria Municipal de Rochas Ornamentais, a única do País, são motivos suficientes para deixar animados os empresários do setor de granito de Nova Venécia.

A avaliação é do presidente da Associação das Empresas de Transformação de Pedras de Nova Venécia (Etape), Wallace Bulian Chagas, que espera para este ano um desenvolvimento bastante expressivo para o setor.



O granito, assim como os produtos de laticínio, está mudando a economia de Nova Venécia, antes totalmente agrícola

Samuel Sabino

Novo pólo de rochas de Nova Venécia será um condomínio

Dono da maior reserva de granito no Norte do Estado, com mais de 90 variedades da pedra, Nova Venécia passa, atualmente, por uma expansão do setor em duas frentes. De um lado, a ampliação do setor três do pólo industrial, onde atualmente seis mineradoras e uma retífica estão sendo instaladas. De outro, a abertura de uma nova área para abrigar cerca de 200 empresas.

A aposta maior do prefeito Walter De Prá é a implantação do novo pólo de rochas numa área de 37 alqueires, cuja planta urbanística do terreno acaba de ser

confeccionada pela Superintendência de Projetos de Polarização Industrial (Suppin).

De acordo com o projeto, no local funcionará uma espécie de condomínio de empresas, com lotes de 15 mil metros quadrados. Quarenta e quatro por cento da área serão destinados ao reflorestamento do espaço para a plantação de espécies nativas da Mata Atlântica. Está prevista também a construção de um centro de estudos, que será coordenado pela Vale do Rio Doce.

Para que a área fique pronta para receber as empresas, falta ainda a conclusão da terceira etapa

do projeto, que consiste no desenvolvimento do projeto urbanístico. As estimativas de custos com terraplanagem, abastecimento de água, esgoto sanitário, drenagem, pavimentação, energia elétrica e projetos chega a R\$ 4,3 milhões.

De Prá, que prioriza o setor de granito em sua administração, depois de garantir espaço para a instalação de novas empresas, luta agora para expandir a indústria de beneficiamento na região. "Precisamos encontrar um meio para criar uma infra-estrutura apropriada para que o município concentre toda sua cadeia produtiva e não só a extração de rochas", disse

Indústria de Cachoeiro é voltada para mercados nacional e internacional

O IMPULSO PARA A INDUSTRIALIZAÇÃO DO SUL DO ESTADO FOI DADO NO GOVERNO DE JERÔNIMO MONTEIRO (1908-1912)

O mais expressivo segmento industrial de Cachoeiro de Itapemirim, hoje, é o de rochas ornamentais. O avanço ocorrido no setor, a partir de meados da década de 1990 resultou numa participação significativa nas exportações.

O município também se destaca na produção de laticínios, equipamentos industriais, cimento, confecções e calçados, com a qual atinge os principais centros consumidores do País.

JERÔNIMO MONTEIRO DEU O PASSO INICIAL

A história da industrialização em Cachoeiro de Itapemirim tem como marco o governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912). No começo do século XX, a implantação de projetos industriais surgiu como alternativa à monocultura do café e como promessa de uma nova era econômica para o Estado.

O projeto industrial consistia em gerar energia elétrica e construir fábricas de açúcar, tecido, óleo e cimento. Cachoeiro foi o primeiro município do Espírito Santo e o terceiro do Brasil a ter energia elétrica. A estação foi inaugurada na Ilha da Luz, em 1903.

Na década de 1930 foi criada a Cooperativa de Laticínios Selita, atualmente a maior do Estado. No mesmo ano em que amplia sua unidade industrial, a Selita se prepara para atingir o mercado externo e planeja produzir também polpa de fruta.

No caso do mármore e granito, a atividade começou a se desenvolver nas décadas de 1950 e 1960. A partir da realização da primeira feira do segmento, em 1989, o setor cresceu e hoje se apresenta como um Arranjo Produtivo Local (APL) dos mais importantes do País.

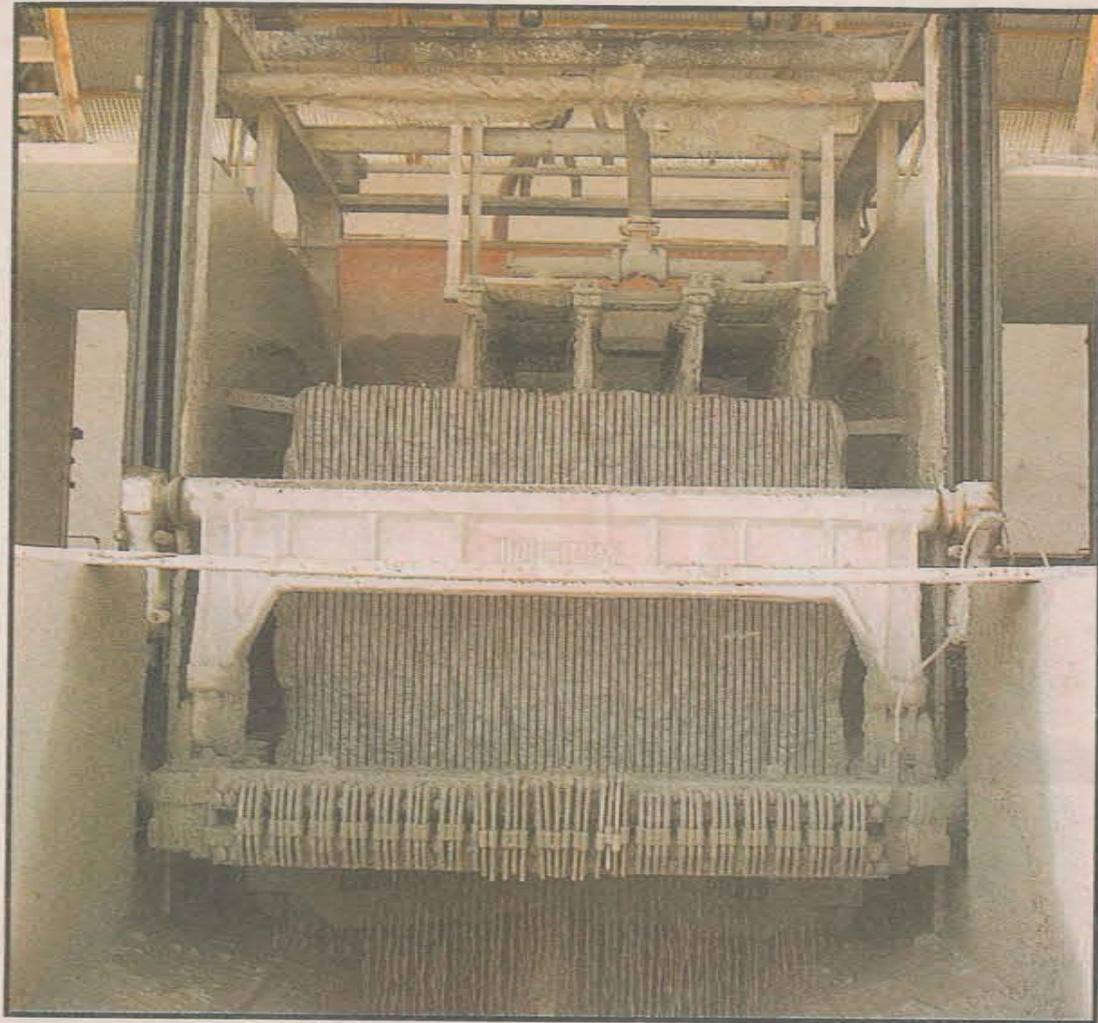
O QUE SÃO OS ARRANJOS PRODUTIVOS

Arranjos Produtivos Locais são aglomerações de empresas em um mesmo território, com especialização produtiva e vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais como governos, associações e instituições.

O Sul do Estado, notadamente Cachoeiro, é o principal centro de referência no País na extração, beneficiamento e fabricação de máquinas e equipamentos utilizados na agregação de valor às rochas ornamentais.



Cachoeiro de Itapemirim é o principal centro de referência no País na extração e beneficiamento de rochas ornamentais



Valter Monteiro

Vários tipos de máquinas de beneficiamento de granito são fabricados em Cachoeiro de Itapemirim

Cachoeiro produz máquinas para setor de rochas

Os fabricantes de máquinas e equipamentos do Espírito Santo, para as atividades de extração e beneficiamento de rochas ornamentais investem em média R\$ 3 milhões por ano em tecnologia.

Com ousadia, criatividade e persistência, os fabricantes têm conseguido atender às necessidades do setor, que a partir de meados da década de 1990 deu um salto de qualidade e profissionalização.

CONCENTRAÇÃO DE FÁBRICAS

A maioria dos fabricantes, 80%, está sediada no entorno de Cachoeiro de Itapemirim, onde fica o principal pólo industrial de processamento de rochas ornamentais do País. Esses fabricantes são representados pela Maq-rochas.

Apenas o setor de rochas conta com fabricantes de equipamentos no Estado. São aproximadamente dois mil trabalhadores em 30 indústrias.

O surgimento da fabricação

de máquinas no Estado está relacionado ao crescimento da atividade de extração e beneficiamento nos últimos 35 anos.

MOVIMENTAÇÃO ANUAL

A movimentação econômica anual é estimada em R\$ 50 milhões. Cada fabricante tem em média uma carteira de 200 clientes. O ciclo entre uma compra e outra é muito longo. O investimento anual de R\$ 3 milhões no desenvolvimento tecnológico e no aprimoramento de máquinas

já existentes é considerado aquém do necessário que, segundo a Maq-rochas, é de pelo menos o dobro.

Noventa por cento dos teares em operação no País foram fabricados no Espírito Santo. Em politrizes de múltiplas cabeças, a participação capixaba chega a 10%, enquanto na de máquinas pequenas de polimento é de 95% e na de pórticos e pontes de 90%, mesmo percentual da participação no fornecimento de linhas de resinação.

A GAZETA
especial

COORDENADOR DE CADERNOS ESPECIAIS
José Carlos Corrêa
jcorrea@redegazeta.com.br

EDITOR RESPONSÁVEL:
Paulo Maia
pmaia@redegazeta.com.br

Publicidade:
Vitória: (27) 3321-8346
Cachoeiro (28) 3522-8705 - (28) 3522-8544
Colatina: (27) 3721-0882 - (27) 3721-4979
Linhares (27) 3371-0408 - (27) 3371-4118
Guarapari (27) 3361-1835 - (27) 3362-0448
S. Mateus (27) 3363-2567 - (27) 3763-1833

EDITOR DE ARTE
Paulo Nascimento

DIAGRAMADOR
Eduardo Tadeu Carvalho

Cachoeiro se destaca também nos setores de calçados e de confecções

O SEGMENTO DE CALÇADOS GERA 800 EMPREGOS DIRETOS NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRO

A história do setor calçadista cachoeirense remonta ao ano de 1956, quando Severino Mathias de Souza abriu na cidade uma sapataria de nome Regina. O negócio cresceu e, em 1972, surgiu a Calçados Itapuã, com pontos de vendas em várias cidades do Espírito Santo e em outros estados.

A partir de 1993 a empresa terceirizou progressivamente sua produção. Há seis anos passou a se dedicar, estrategicamente, à comercialização e ao desenvolvimento de produtos.

Ex-funcionários e colaboradores da Itapuã organizaram várias empresas, algumas produtoras de calçados, outras de componentes e ferramentarias, que atendem à demanda por produtos e serviços de todo o País.

Segundo o documento final do projeto Cachoeiro 21, a Agenda 21 local, com base em dados da Associação Brasileira de Calçados, Cachoeiro responde por quase 2 milhões de pares ao ano, dos 642 milhões de pares produzidos no País.

São 20 empresas que geram 800 empregos diretos. Cerca de 90% da produção são vendidos no Estado e também no mercado nacional. Em torno de 6% são exportados.

PÓLO DE CONFECÇÕES SURTIU A PARTIR DE 1950

O pólo de confecções de Cachoeiro de Itapemirim co-



A Calçados Itapuã foi fundada em 1972 pelo empresário Severino Mathias, que começou com uma pequena sapataria de nome Regina, para depois se tornar a empresa que é hoje

meçou a se formar na década de 1950, com micro e pequenas empresas. A partir da década de 1980 houve um incremento, com a criação da Associação de Empresas de Confecções, posteriormente transformada em Sindicato das Em-

presas de Confecções do Sul do Estado (Sinconsul).

O setor desenvolveu-se rapidamente, chegando ao final da década de 1990 como o terceiro pólo estadual, atrás de Colatina e Vila Velha. Mas não manteve o ritmo de crescimen-

to e hoje ocupa o sexto lugar no ranking estadual.

Ainda assim o ramo de confecções tem um peso significativo na economia local, pois emprega diretamente mil pessoas e informalmente cerca de outras mil.



Wagner Bresciane

A Selita mantém uma constante busca pela qualidade

Selita amplia capacidade

O ano de 2006 está sendo especial para a Selita, a maior cooperativa de leite do Espírito Santo. Depois de superar uma grave crise financeira, no começo da década, a Selita surge renovada e com fôlego para buscar espaço no mercado externo.

Reeleito para o segundo mandato, o presidente Rubens Moreira avalia que o mercado de leite passou por uma crise, iniciada em meados do ano passado. Entre os fatores que interferiram negativamente no mercado, aponta a queda do dólar e a falta de um estoque regulador no País.

AUTO-SUFICIÊNCIA

Mas Moreira destaca que a perspectiva é de melhora. "O momento é bom. O Brasil é auto-suficiente na produção de leite e o produto foi incluído na pauta de exportações depois de cumprida uma série de exigências do Ministério da Agricultura".

Sobre a história recente da cooperativa, Moreira lembra que a Selita saiu de um déficit grande. "Tinha um pas-

sivo tributário e conseguiu sanear", observa.

O maior desafio agora é a permanente busca de qualidade, inclusive para permitir que a Selita consiga exportar. A intenção é exportar em pequena quantidade, inicialmente, o suficiente para dar visibilidade à marca. O mercado preferencial é o americano.

PROFISSIONALIZAÇÃO

O presidente enfatiza que a palavra chave é profissionalização. "Temos investido na capacitação de nossos funcionários e, principalmente, do produtor, que precisa estar atualizado para atender a um mercado cada vez mais exigente".

A Selita comemora a ampliação do parque industrial localizado em Cachoeiro de Itapemirim. A nova unidade erguida em um terreno de 4 mil metros quadrados, às margens da Avenida Jones dos Santos Neves, em Cachoeiro, entrou em operação em meados de maio.

Foram investidos R\$ 5 milhões na expansão do parque industrial.